

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO SOCIAL - RADIALISMO
PROJETO EXPERIMENTAL PARA CONCLUSÃO DE CURSO

Juliana Mossoni Carvalho

“ELES NÃO LIGAM PRA GENTE”
Ascensão reacionária no Brasil pós-2013

Bauru
2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO

COMUNICAÇÃO SOCIAL - RADIALISMO

PROJETO EXPERIMENTAL PARA CONCLUSÃO DE CURSO

Juliana Mossoni Carvalho

“ELES NÃO LIGAM PRA GENTE”

Ascensão reacionária no Brasil pós-2013

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social: Radialismo, apresentado à Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, sob orientação do Professor Doutor Arlindo Rebechi Junior.

Bauru

2019

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Em Brasília, a manifestação toma a Esplanada dos Ministérios.....	x
Figura 2 - Cartaz “Dilma, devolve meu dólar a R\$1,99”.....	x
Figura 3 - Frame do documentário A Terra É Plana, de Daniel J. Clark.....	x
Figura 4 - Frame da série Modern Family, de Christopher Lloyd e Steven Levitan....	x
Figura 5 - Frame do filme Casa Grande, de Fellipe Barbosa.....	x
Figura 6 - Frame de Recife Frio, de Kléber Mendonça Filho.....	x
Figura 7 - Frame demonstrativo da paleta de cores do mocumentário.....	x
Figura 8 - Frame demonstrativo da paleta de cores do mocumentário.....	x
Figura 9 - Frame demonstrativo da paleta de cores do mocumentário.....	x
Figura 10 - Frame demonstrativo da paleta de cores do mocumentário.....	x

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	2
2	REFERENCIAIS TEÓRICOS	2
2.1	REFERENCIAL TEÓRICO DE TEMA	4
2.2	REFERENCIAL TEÓRICO DE FORMATO	5
3	REFERENCIAIS ESTÉTICOS	10
4	PRÉ-PRODUÇÃO	14
4.1	ROTEIRO	
4.2	PLANEJAMENTO	
4.3	CASTING	
5	PRODUÇÃO	16
5.1	GRAVAÇÕES	
5.2	DIREÇÃO	
6	PÓS-PRODUÇÃO	16
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
8	REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS	
9	APÊNDICES	

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste no relatório do processo de produção do documentário *Eles Não Ligam Pra Gente*. Sendo este um subgênero cinematográfico pouco explorado no meio acadêmico, é oportuno que a sua definição mais simples seja aqui pontuada: o documentário é um produto audiovisual ficcional que se utiliza da linguagem do documentário para relatar eventos e situações que não são reais. A escolha deste formato se deve à busca pela contemplação satisfatória do tema abordado: uma sátira da classe média brasileira.

Mais do que apenas a classe média propriamente dita, a sátira que foi construída por meio da linguagem do documentário explora os pormenores do conjunto ideológico reacionário que se evidenciou no Brasil a partir do conturbado contexto histórico e político que se deu durante e após as Jornadas de Junho em 2013, cujos desdobramentos surtiram efeito nas Eleições de 2018 e reverberam também nos dias de hoje.

Pretende-se, com a produção deste trabalho, expor de forma irônica o pensamento da classe média brasileira, no intuito de tecer uma crítica aos grupos sociais que compõem esta classe. Para tanto, o produto traz uma perspectiva distorcida - a da classe média - sobre a desigualdade social, movimentos populares e pautas das minorias políticas no atual cenário político e social brasileiro. Algumas palavras-chave que integram o jargão da classe média são essenciais para a identificação do discurso que aqui se pretende criticar: heterofobia; racismo inverso; ditadura gay; feminazis; dentre outros “fenômenos” imaginários que, nos dias atuais, são tidos como verdadeiros. Desta forma, a abordagem de cenários caricatos que pertencem à rotina dos personagens da narrativa é contemplada pela linguagem do documentário, para relatar problemas que não são reais. É de grande importância, neste contexto social e histórico, salientar como a veiculação de mentiras afetou o imaginário já deturpado de um grupo bastante específico no Brasil - e a produção de um documentário é uma maneira satisfatória de fazê-lo, devido à relação deste subgênero com o discurso satírico.

A partir daqui, o relatório dedicar-se-á ao desdobramento dos detalhes do processo de produção do curta-metragem, bem como ao desenvolvimento do aporte teórico que sustentou o seu argumento. Além disso, é de suma importância a

pontuação dos referenciais estéticos que ampararam a produção do documentário e serviram de referência para que fosse feito o uso adequado de todos os recursos que essa linguagem oferece. De acordo com o difundido modelo a partir do qual se organiza uma produção audiovisual, as etapas do processo se constituíram em: pré-produção, produção e pós-produção. Cada uma dessas fases contou com subdivisões e peculiaridades advindas tanto da temática quanto da linguagem, as quais serão exploradas.

Para fins de elucidação do método, o roteiro original do documentário está disposto nos apêndices deste trabalho, bem como o endereço eletrônico a partir do qual é possível acessar a versão digital do produto final. Espera-se, com este relatório, a contribuição para o estudo e exploração deste formato, que é repleto de particularidades e que certamente conta com diversas surpresas em seu processo de produção.

2 REFERENCIAIS TEÓRICOS

Diante dos moldes nos quais o produto pretende se configurar, é importante pontuar os trabalhos anteriormente produzidos, tanto no cenário audiovisual quanto no campo das pesquisas e estudos sociais que contemplam e respaldam a narrativa que se desenvolveu. Neste sentido, alguns autores e obras fazem-se necessários para compor o referencial teórico e de formato que sustentarão a produção do documentário, os quais constam nos tópicos a seguir, respeitando a subdivisão das categorias citadas.

2.1 REFERENCIAL TEÓRICO DE TEMA

O tema da classe média, mesmo com o devido recorte, é uma fonte de debates inesgotável. Diversas são as abordagens a partir das quais se poderia ter explorado o vasto campo dos estudos sociais de classe, mas o propósito de se construir uma sátira foi de grande utilidade para delimitar a narrativa no espaço e no tempo. Sendo assim, a contemporaneidade, mais precisamente, pós-2013 no Brasil foi o cenário escolhido para ambientar a história no que diz respeito, sobretudo, ao delicado momento político no qual o país se imergiu.

A era do obscurantismo e da depreciação da democracia parece ter encontrado solo fértil na sensível condição em que se encontra a sociedade brasileira, desmoralizada pelo descrédito em suas próprias instituições e desesperançosa com a ainda recente, mas já desprestigiada democracia, que nunca fora o regime político tradicional do Estado brasileiro. Este, pelo contrário, fora marcado em sua história por longos períodos de governos autoritários e elitistas que, ao longo do tempo, tiveram influência na formação da sociedade brasileira.

O Brasil é o décimo país mais desigual do mundo, segundo o Relatório de Desenvolvimento Humano, elaborado pelas Nações Unidas e divulgado em março de 2017. Não por acaso, a desigualdade social é nítida em diversas esferas da convivência em sociedade: nas relações de trabalho, nas condições financeiras e padrões de consumo da maior parte da população brasileira, na concentração de renda que permanece restrita às elites e na configuração urbana.

Nos últimos anos, somada a essa histórica desigualdade, a crise política supracitada simbolicamente atrelada ao *impeachment* da presidenta Dilma em 2016 suscitou uma guerra ideológica que veio a se intensificar ainda mais nas Eleições de 2018. Tendo iniciado em 2013 com o Movimento Passe Livre, as Jornadas de Junho, que antes foram contra o aumento de R\$0,20 na passagem do ônibus, acabaram se tornando, com a ajuda da grande mídia e influência da elite financeira, manifestações contra o governo petista (SOUZA, 2016). A mídia, o Congresso Nacional e a casta jurídica trocavam vazamentos de conteúdo incriminatório e todo tipo de ilegalidade antidemocrática, sob o pretexto de “salvar a nação da corrupção” e, assim, legitimar práticas que degradam as instituições democráticas, em prol dos interesses das elites envolvidas no processo de *impeachment*. Este, uma vez aprovado, gerou a felicidade momentânea da parcela da população que acreditava que o “problema do Brasil” era o governo petista, sendo esta em grande parte composta pela classe média brasileira, que legitimou as ações antidemocráticas divulgadas pela grande mídia, na esperança de estar lutando por melhorias no país. No entanto, o impedimento da presidenta também gerou a insatisfação advinda do governo do então presidente Michel Temer e, conseqüentemente, o medo causado pela instabilidade política. Desta forma, nas Eleições de 2018, a população brasileira, desmedida e reacionária, optou pelo extremo oposto do que ela pensava

conhecer como democracia, na tentativa de trazer de volta o que era tido por ela como uma alternativa segura e já bastante tradicional: um governante autoritário, inarticulado e fascista.

Diante de um cenário de profunda desigualdade social, crise política e econômica, faz-se pertinente, neste contexto histórico turbulento, a pontuação dos delírios aos quais aquela classe média, citada acima, se permite entregar quando esta encontra a oportunidade de vociferar e protestar contra sua realidade. É neste momento em que ela se vê, finalmente, representada pelo governante e contemplada por uma liberdade sublime, a qual proporciona o retorno à sua zona de conforto, em que o discurso de ódio não só é permitido, mas também incentivado e aplaudido pelas instituições do Estado. Assim, observam-se as pautas de grupos sociais minoritários sendo insensatamente apropriadas por uma pseudo-elite, na tentativa de se fazer vítima de um *establishment* anterior (*pré-impeachment*) que pouco tinha a seu desfavor. A luta contra o racismo, o preconceito, a marginalização, a discriminação e a não-representação no espaço público - que são os movimentos frequentemente vinculados às minorias políticas - se veem, aqui, como reivindicações de uma classe média que, durante os anos anteriores correspondentes ao governo petista, sentiu falta do protagonismo e, portanto, se inspira na forma de organização política daqueles que ela pensa, por um breve momento, terem tomado o seu lugar. É a errônea compreensão de que se as minorias conquistam qualquer espaço, é o da classe média que para tanto foi sacrificado. Embora seja nítido que a conquista de direitos pelos grupos sociais minoritários não implica na perda dos direitos de outros grupos, não é esta a percepção que tem a classe média brasileira.

Daí surgem expressões que, neste cenário, são problemáticas, como “racismo inverso”, em que os brancos se sentem discriminados pela cor da sua pele; “heterofobia”, que consistiria na condenação da existência de heterossexuais; “feminazi”, termo popularmente cunhado para descrever as “feministas radicais”; dentre outras “fobias”, dificuldades e discriminações enfrentadas, no imaginário destas classes dominantes, compostas majoritariamente por brancos e heterossexuais. É precisamente sobre essas questões que se debruça a produção deste mocumentário, a fim de denunciar e desprover um discurso fascista de

qualquer tipo de disfarce ou maquiagem que o torne vendável e atraente dentro de uma sociedade enferma.

Além disso, para tratar do tema da classe média numa obra de ficção, é preciso também conhecê-la. No Brasil, o debate sobre quem é a classe média e como delimitá-la está longe de chegar a uma conclusão e é composto por inúmeros estudos, os quais trazem os mais variados critérios de classificação da população brasileira em classes sociais.

Autores como Darcy Ribeiro se propuseram a analisar a formação histórica das classes sociais no Brasil e estudar os padrões de comportamento os quais cada classe pode assumir de acordo com as suas relações de interdependência. Ribeiro apresenta uma explicação com base nas relações coloniais que justificam as configurações social e de trabalho contemporâneas a ele e caracteriza o perfil de cada camada que compõe a sociedade. Ele se dedica ao estudo da manutenção do “patronato” no Brasil, ou seja, de que maneira as relações entre estas classes sociais interdependentes estão subalternas, sob a máscara da democracia, à ideologia da elite, seja pela apropriação dos valores burgueses por parte da classe trabalhadora ou pela imposição destes valores oriundo das elites.

Nas últimas décadas surgiu e se expandiu um corpo estranho nessa cúpula. É o estamento gerencial das empresas estrangeiras que passou a constituir o setor predominante das classes dominantes. Ele emprega os tecnocratas mais competentes e controla a mídia, conformando a opinião pública. Ele elege parlamentares e governantes. Ele manda, enfim, com desfaçatez cada vez mais desabrida (RIBEIRO, 1995, p. 208).

Desta forma, a classe intermediária incorpora o pensamento da elite e o reproduz a seus então subalternos - a classe trabalhadora. Assim, são reafirmadas e legitimadas as desigualdades nas relações interpessoais e de trabalho. “Quando ao escravo sucede o parceiro, depois o assalariado agrícola, as relações continuam impregnadas dos mesmos valores que se exprimem na desumanização das relações de trabalho” (RIBEIRO, 1995, p. 212). De acordo com essa configuração da sociedade, o patrão jamais enxergou o trabalhador - que ora foi escravo - como portador da mesma humanidade que ele. Essa falta de identificação de igualdade

perpetua as relações sociais desequilibradas entre as classes e estas são visíveis em diversos âmbitos da vida cotidiana.

A análise da sociedade brasileira de Ribeiro tem a contribuir para o trabalho no sentido de corroborar a maneira com que as relações entre os personagens do documentário foram articuladas, visto que este explora diversos setores da sociedade.

No entanto, a classe média, em especial, é um ponto de divergência entre economistas e sociólogos em discussões mais recentes a respeito de classe no Brasil. Os primeiros tendem a classificá-la segundo o critério da renda mensal, independente de seus hábitos de consumo, posicionamento político, ocupação, nível de escolaridade ou o capital cultural. Os segundos, em contrapartida, não compartilham do pensamento de que a renda é o fator determinante para classificar um indivíduo como parte da classe média e preferem priorizar os demais aspectos desprezados pelos economistas. Este trabalho não tem o compromisso de tomar posição neste debate, mas sim categorizar a classe média a partir de uma nova abordagem, envolvendo o conceito de identidade de classe. Este leva em consideração a esfera subjetiva do indivíduo e, portanto, a qual classe ele pensa pertencer. Logo, “a identidade de classe é tomada como uma reivindicação de pertencimento a grupos sociais e tais reivindicações poderiam ser endossadas ou negadas por outros indivíduos/grupos [...]” (SCALATA, 2015, p. 3-4). Segundo essa abordagem, o autor foi capaz de chegar à seguinte conclusão a respeito de quem compõe atualmente a classe média no Brasil:

Os resultados por nós alcançados mostram que a classe média no Brasil diz respeito não àquela camada estatisticamente intermediária – a “classe C” de Neri (2008) –, mas sim aos indivíduos mais abastados (camada “AB”) da população: pessoas com renda domiciliar elevada, nível superior de escolaridade, inseridas em categorias ocupacionais de prestígio médio-alto, com maiores probabilidades de possuir plano de saúde, poupança, frequentar teatros, viajar para o exterior, ter os filhos estudando em escolas privadas etc. São essas pessoas que formam a classe média brasileira, embora estejam longe de ser a imagem mais próxima do brasileiro mediano, ou a camada intermediária (SCALATA, 2015, p. 24).

Não é surpreendente, portanto, que as principais motivações das manifestações pró-*impeachment*, em 2015, fossem relacionadas à insatisfação da classe média com a corrupção, a economia, o poder executivo e o preço do dólar, bem como a ostentação de cartazes escritos em inglês, como se observa nas figuras 1 e 2. Evidentemente, essas são reivindicações de um setor que não carece de um Estado provedor de recursos, garantias e direitos básicos previstos pela Constituição Federal, como acesso a serviços públicos de saúde, educação e segurança. Logo, os manifestantes demonstram pertencer ao perfil de classe média traçado por Scalata e, assim, os protestos escancaram seu caráter extremamente elitista.

Fotografia 1 - Em Brasília, a manifestação toma a Esplanada dos Ministérios



Foto: Marcello Casal/ABr

Fotografia 2 - Cartaz "Dilma, devolve meu dólar a R\$1,99"



Foto: Veja São Paulo

Tendo definido, portanto, a partir de qual abordagem será considerada a classe média e delimitado o seu perfil de indivíduo a partir da identidade de classe, resta caracterizá-la também cultural e ideologicamente.

Marilena Chaui contribui para o trabalho, nesse sentido, ao descrever o padrão de comportamento do indivíduo considerado de classe média. É preciso salientar que a autora não se vale dos mesmos critérios utilizados por Scalata para definir quem é a classe média. Para tanto, Chaui parte da literatura marxista, na qual a classe social é definida pela posição dos seus componentes frente aos meios sociais de produção. Logo, haveria as duas principais classes: a dos proprietários dos meios de produção e a classe trabalhadora. Assim, a classe média seria a classe intermediária entre os dois extremos: não é a massa trabalhadora e nem dona dos meios de produção, mas são os que exercem as “profissões liberais, na burocracia estatal (ou nos serviços públicos) e empresarial (ou na administração e gerência), na pequena propriedade fundiária e no pequeno comércio” (CHAUÍ, 2016, p. 16).

Apesar dos autores supracitados se valerem de critérios distintos de caracterização da classe média, ambos acabam culminando no mesmo perfil social de indivíduo quando se fala da classe média no Brasil: aqueles que compõem as classes mais abastadas, têm estabilidade financeira, casa própria, automóvel, têm acesso a serviços de saúde, educação e segurança privados, a viagens internacionais etc.

Chauí caracteriza a classe média de maneira categórica, delimitando seu perfil e seus anseios e indicando de onde ela vem e para onde gostaria de ir. A partir deste estudo, é possível traçar características específicas, comuns àquelas elencadas por Scalata, que compõem um estereótipo já bem conhecido por cientistas sociais e historiadores.

O fator mais relevante para este trabalho, citado por Chauí, é o anseio da classe média em se tornar elite ou classe dominante. Para tanto, ela abdica da sua origem trabalhadora de pequeno burguês e acaba criando identificação com o seus superiores, embora a distância entre estas classes seja muito maior do que a que existe entre a classe média e a classe trabalhadora. Portanto, à classe média resta o poderio ideológico, já que não detém a força de trabalho e nem os meios sociais de

produção. Através de valores como a “ordem e a segurança”, deseja ascender socialmente e tornar-se cada vez mais próxima dos patrões.

Fragmentada, perpassada pelo individualismo competitivo, desprovida de um referencial social e econômico sólido e claro, a classe média tende a suprir a experiência de um tempo descontínuo e efêmero com o imaginário da ordem e da segurança, que introduziria permanência temporal e espacial. [...] seu imaginário é povoado por um sonho e por um pesadelo: seu sonho é tornar-se parte da classe dominante; seu pesadelo, tornar-se proletária. [...] Isso torna a classe média ideologicamente conservadora e reacionária, e seu papel social e político é assegurar a hegemonia ideológica da classe dominante (CHAUI, 2016, p. 19-20).

Assim, este caráter ideológico torna-se visível e facilmente representável nas relações familiares, amorosas e de trabalho através da dominância entre um dos indivíduos em relação aos outros. Além disso, a soberba e o desprezo para com a classe trabalhadora e o desejo de se tornar elite são as premissas que guiam o padrão de comportamento dessa classe intermediária e certamente foram características exploradas durante o trabalho.

2.2 REFERENCIAL TEÓRICO DE FORMATO

A utilização do humor como ferramenta para criticar um setor específico da sociedade pode se mostrar efetiva, dado o caráter irreverente deste tipo de linguagem. De acordo com Umberto Eco, o humor é capaz de “minar” a lei e isso confere a ele um potencial transgressor. É por meio do reforço desta lei que percebemos o aborrecimento de viver sob regras e somos estimulados a desafiá-la - o que não nos promete a liberdade.

El humor no nos promete liberación: al contrario, nos advierte la imposibilidad de una liberación global, recordándonos la presencia de una ley que ya no hay razón para obedecer. Al hacerlo, mina la ley. Nos hace sentir la molestia de vivir bajo una ley, cualquier ley (ECO, 1989, p. 19).

Entende-se por lei, neste contexto, quaisquer conjuntos de leis ou regras jurídicas ou sociais. Neste trabalho, é interessante abordar este conceito como sendo as regras de convivência social, que muito têm a ver com o tema do trabalho. A abordagem humorística da desigualdade social e do cotidiano da classe média convida o espectador a questionar as regras sociais vigentes e também o estimula a transgredi-las. Assim, o humor é uma poderosa ferramenta de transgressão da ordem social.

No audiovisual, o humor pode estar presente em quase todos os gêneros, sendo ele um detalhe de um diálogo da narrativa ou a base para a constituição do seu argumento. O documentário, em especial, é um subgênero que constantemente se vale de uma perspectiva humorística para construir uma versão alternativa da realidade - uma ficção. Ele é caracterizado por se utilizar dos artifícios do documentário para construir uma narrativa ficcional, ou seja: se o documentário se vale do que é real, do mundo histórico, de pessoas que pertencem ao mundo que compartilhamos e seus depoimentos e experiências (NICHOLS, 2016), para apresentar uma determinada realidade, o mesmo se aplica para o subgênero documentário para que ele nos convença de uma mentira.

Por una parte, se puede definir el falso documental como un texto ficticio que se apropia, de forma continuada, de los códigos y las convenciones de los documentales y, por tanto, en este sentido, se le puede considerar un “parásito” del documental (HIGHT, 2008, p. 176).

Um elemento de extrema importância na aceção do documentário enquanto discurso é considerá-lo diante da experiência sensorial de recepção do espectador. Segundo Nichols, a sutileza da ironia presente na narrativa deste subgênero é tal que causa a confusão inicial a respeito da veracidade daquele conteúdo. Para ele, o documentário não é ficção que finge ser documentário, mas satirizam o que seria a nossa prévia projeção de documentário (2012, apud SUPPIA, 2013, p. 63). No caso do tema explorado por este trabalho, a realidade que o documentário retratou é tão problemática que poderia ser considerada demasiadamente surreal - e assim, o curta teria logo perdido seu vigor enquanto discurso satírico. No entanto, é a

intertextualidade entre a ficção e a realidade que garante o momento de confusão do espectador sublinhado por Nichols: sabe-se que, por mais que o discurso dos personagens diegéticos tenda para a conspiração e o absurdo, ele é um discurso presente e verificável no Brasil contemporâneo. Este mesmo fator foi também pontuado por Hight, sob a denominação de “carga do real”.

La tercera parte de la definición del discurso del falso documental se centra en la interacción entre el público y la obra. Los falsos documentales interfieren directamente en el modo natural en el que los espectadores leemos los documentales, haciendo hincapié sobre todo en la “carga de lo real”, que es imprescindible para que nos impliquemos en las obras de no ficción (HIGHT, 2008, p. 185).

O autor também ressalta que o mocumentário enquanto sátira objetiva melhorar a perspectiva do espectador através de uma visão política (HIGHT, 2008). Dessa forma, o exercício satírico que se deu na construção diegética deste trabalho é um convite a reflexão e desconstrução da realidade retratada, bem como a abordagem humorística também pode trazer bons resultados enquanto forma de transgressão da ordem social, como argumentou Umberto Eco, mais acima.

Logo, para este trabalho, a escolha do formato mocumentário é a mais adequada de acordo com o objetivo, pois ele conjuga a sátira, o humor e oferece todos os recursos de um documentário, dando a impressão de que a narrativa retrata uma realidade, porém com a vantagem de deter o controle dos personagens envolvidos, seus discursos, suas relações interpessoais e o curso da narrativa em si.

Por fim, alguns mocumentários que podem servir de referência para a construção narrativa deste produto, são: *The Office*, de Randall Einhorn, série em formato mocumentário que relata o cotidiano dentro de um escritório; MPB - A história que o Brasil não conhece, de André Moraes, que revela um plano americano de destruir a música brasileira através da inserção de músicos sem talento no mercado fonográfico brasileiro e *All You Need Is Cash*, de Eric Idle, que acompanha a carreira de uma banda fictícia chamada The Rutles, parodiando o nome e a história dos Beatles.

3 REFERENCIAL ESTÉTICO

Além dos referenciais de tema e de formato, os referenciais estéticos são a base para a concepção deste mocumentário, tendo grande influência na elaboração do roteiro, planos, enquadramentos, montagem etc. Os documentários e mocumentários já produzidos e que podem auxiliar na construção de uma narrativa consistente, a partir da utilização de recursos estéticos típicos destes gêneros audiovisuais.

Uma das referências mais importantes para a produção deste mocumentário é, na verdade, um documentário chamado A Terra É Plana (ou, em inglês, *Behind The Curve*), dirigido por Daniel J. Clark.

Figura 3 - Frame do documentário A Terra É Plana, de Daniel J. Clark.



Fonte: plataforma de *streaming* Netflix

A escolha deste documentário como referencial estético tem muito a ver com a estrutura que ele contém, a qual é marcada pelo contraste de discursos. Além disso, o tema, apesar de ser pautado na vida real e trazer personalidades que existem na realidade e defendem o movimento da terra plana, poderia ser de um mocumentário, devido ao teor conspiracionista. A estrutura é interessante porque traz diversos personagens que carregam discursos contrários, sendo estes os terraplanistas *versus* os físicos e cientistas convidados para fazer o contraponto argumentativo e cientificamente embasado diante do posicionamento dos “conspiradores”. Logo, a montagem sugere um constante conflito de ideias e perspectivas, o que é também um fator importante para a produção deste trabalho.

Outro referencial estético que tem muito a contribuir para a concepção - sobretudo fotográfica - do mocumentário é a série *Modern Family*, criada por Christopher Lloyd e Steven Levitan.

Figura 4 - Frame da série *Modern Family*, de Christopher Lloyd e Steven Levitan.



Fonte: The New York Times

Modern Family serve de referência tanto estética quanto de formato. Até mesmo temática, feitas as devidas ressalvas, porque aborda o cotidiano de uma família de classe média, tema explorado pelo mocumentário; estética, porque abusa da variação de enquadramentos em alta velocidade, utilizando-se de recursos como *zoom-in* e *zoom-out*, câmera na mão, troca de foco entre personagens num diálogo através do giro da câmera em vez do corte, demarcando uma perspectiva bastante documental e quase caseira, como se a equipe de gravação acompanhasse o dia a dia daquela família espontaneamente, sem ter combinado previamente uma sequência de ações; e de formato, porque *Modern Family* é, essencialmente, um mocumentário: um documentário sobre uma família ficcional. O mocumentário que foi produzido trouxe aspectos claramente inspirados nessa série de todas as maneiras através das quais ela pode servir de referência.

O longa-metragem *Casa Grande*, de Fellipe Barbosa, também compõe o conjunto de referências que inspiraram a concepção desse mocumentário. Embora a

linguagem utilizada pelo filme não dialogue com a de um documentário, a temática abrange a classe média, a periferia, a desigualdade social, a lei de cotas, dentre outras pautas que permeiam as discussões políticas contemporâneas.

Figura 5 - Frame do filme Casa Grande, de Fellipe Barbosa



Fonte: coletivopotiguar.com.br

Da mesma maneira que se pretendeu no documentário, o filme desnuda a ideologia - permeada de preconceitos - da classe média brasileira. Não por acaso, as duas produções ostentam diversos elementos em comum, sobretudo no que diz respeito a direção de arte: as cores, a mobília e o figurino são fundamentais para a caracterização da classe média e também para distingui-los dos demais personagens, que em sua maioria eram funcionários da casa e estavam longe de pertencer àquela realidade. Algumas referências pontuais deste filme que se pode observar no documentário é o nome estrangeiro dos personagens, que assim como em Casa Grande, têm influência europeia. Logo, no documentário Luigi e Giullia são netos da Dona Francesca (italianos), bem como a mãe de Jean, Sônia, faz questão de que a pronúncia do nome francês seja enunciada corretamente (inclusive pelas empregadas da casa). Outra referência, em relação às empregadas, é o momento em que Tatiane, o documentário, ordena que Cleide busque a faca da manteiga para compor a mesa do café, fazendo alusão ao momento em que Hugo (o pai de Jean) dá bronca nas domésticas pela falta da faca do queijo na mesa.

A última e não menos importante referência para a constituição estética do mocumentário é o curta-metragem de Kléber Mendonça Filho, chamado Recife Frio, sendo este também um mocumentário.

Figura 6 - Frame de Recife Frio, de Kléber Mendonça Filho.



Fonte: Youtube

Recife Frio também constitui referencial estético, temático e de formato. A Figura 3, acima, revela um momento específico do curta-metragem em que acompanhamos o impacto financeiro, social e até mesmo de logística que a queda de um meteorito - transformando Recife numa cidade fria e úmida - causou no lar de uma família de classe média e sua empregada doméstica. Esta, que morava na “despensa” do apartamento, um quarto minúsculo e quase sem janelas, acabou trocando de quarto com o filho único da família, que dormia numa suíte. A mudança ocorreu devido a baixíssima temperatura que imperava nos cômodos grandes e o conforto de estar num quarto pequeno e de pouca ventilação, o que o deixava mais quente. Essa dinâmica de convivência entre a família e a empregada foi um tema abordado na produção deste trabalho, bem como o impacto de grandes eventos urbanos, como a construção de um prédio, ou da natureza, como a queda do meteorito, observado através da perspectiva do indivíduo de classe média.

A linguagem do mocumentário pela qual Mendonça Filho optou foi transformá-lo em um programa de TV latino, um reality show chamado “O Mundo em

Movimento”, no qual o apresentador, Pablo Hundertwasser, visita Recife para documentar aquele acontecimento incomum da natureza. É interessante como, mesmo sob a linguagem da televisão, o curta não abandona o formato de documentário, trazendo depoimentos, simulações, documentos e registros do local. Além disso, o formato documental explorado pelo diretor é uma notável referência deste subgênero no cinema brasileiro.

4 PRÉ-PRODUÇÃO

Para que fosse produzido, o documental *Eles Não Ligam Pra Gente* contou com uma numerosa equipe desde o momento de concepção das ideias que embasaram o seu argumento até chegar nas etapas de decupagem e planejamento das diárias de gravação. A convocação dessas pessoas para contribuir com o projeto ocorreu de acordo com os interesses de cada um em exercer determinada função dentro da produção, e também devido à afinidade com a temática e o formato do curta-metragem.

Uma particularidade das equipes de direção de fotografia e som é que as integrantes preferiram não subdividir a equipe hierarquicamente em direção e assistentes, mas sim distribuir igualmente entre as participantes as tarefas e responsabilidades. Sendo assim, a direção de fotografia foi composta por três pessoas e a de som, por duas. A partir dessas definições, foram estabelecidas, no início do mês de maio, as competências de cada área, acordadas em reunião com a equipe completa, bem como foi iniciada a produção do roteiro.

4.1 ROTEIRO

Constituída por quatro pessoas - dentre elas a diretora do curta - a equipe de roteiro, a princípio, contava apenas com duas premissas: primeiramente, de que o curta seria em formato de documental; em segundo lugar, de que a obra deveria ser banhada em sarcasmo e o seu tema dialogaria com o estereótipo do indivíduo que, convencionalmente, é cunhado de “padrão” no Brasil: homem, branco, rico, privilegiado, heterossexual e cristão.

Desde o início, o formato documental esteve presente nas discussões do roteiro e teve grande influência tanto na construção dos personagens quanto em seu

número. Inclusive, é devido a escolha deste subgênero que a própria equipe de gravação se transforma em um personagem e, muitas vezes, a câmera extrapola o cenário e acaba denunciando a equipe técnica ao fundo, bem como seus equipamentos. O desejo de abordar diversas temáticas sociais contemporâneas também contribuiu para que a narrativa se tornasse cada vez mais complexa e rica em diferentes personalidades. Além disso, as já apresentadas referências do subgênero documental serviram de respaldo para particularizar um formato de roteiro que, já de antemão, sugerisse a montagem que seria feita na pós-produção, bem como a petrificou. Da maneira que o roteiro foi escrito, não seria possível fazer mudanças na montagem a não ser o corte de algumas cenas integralmente, caso fosse necessário. Essa particularidade, apesar de soar inconveniente numa produção mais fragmentada, não causou problemas à direção, já que esta esteve presente na elaboração do roteiro, durante a produção e realizou todas as etapas da pós-produção.

Sendo assim, no final de abril de 2019, as ideias de possíveis enredos que atendessem a todos os critérios supracitados começaram a surgir durante as primeiras reuniões de roteiro. Uma das primeiras possibilidades que entrou em discussão foi a de utilizar alguma das famosas *fake news* que se disseminaram no Brasil - como a da distribuição da mamadeira erótica em escolas públicas, por exemplo - para compor o cenário do documental, assumindo que a notícia fosse, portanto, verdadeira. Os roteiristas, no entanto, foram capazes de antecipar alguns empecilhos que viriam a surgir durante a produção se a ideia tivesse continuidade. A dificuldade para encontrar um elenco majoritariamente infantil; a burocracia em que as gravações em ambiente escolar implicariam; e até mesmo a própria fabricação da mamadeira erótica. Essa possibilidade, portanto, foi descartada.

Após a deliberação de algumas outras sugestões semelhantes e igualmente inviáveis, o grupo decidiu mudar a abordagem de geração de ideias e, a partir do formato escolhido, buscar um enredo que lhe fizesse jus: o ponto de partida seria um núcleo de personagens reclamando sobre um evento que, em alguma intensidade, afetaria a todos. Assim, o documental seria um conjunto de depoimentos, simulações e registros destes personagens convivendo com um determinado problema e lidando com essa situação de diferentes maneiras, cada um a seu modo.

Dada a temática do curta e a abordagem que se pretendia fazer do já citado “indivíduo padrão”, não foi difícil elaborar situações hipotéticas pelas quais um grupo de personagens estaria revoltado a ponto de se permitir ser gravado em tom de protesto. As palavras-chave para que a equipe fosse capaz de criar um roteiro sobre o cotidiano destes personagens foram os neologismos que têm invadido os debates acerca das minorias sociais contemporâneos no Brasil: “heterofobia”; “racismo inverso”; “ditadura gay”; “feminazis”; dentre outros.

A vontade de abranger e explorar a construção de todos estes absurdos fez com que o grupo buscasse por um fator comum entre os personagens que estavam nascendo no roteiro: o critério de classe. Não se falou, num primeiro momento, em “classe média” como fio condutor da criação do roteiro. Entretanto, a partir dos caminhos que se estreitaram, ficou claro que a classe social seria um elemento tanto delimitador quanto abrangente: ao mesmo tempo que diz respeito a um perfil de sujeito bastante específico no Brasil, consegue abarcar aqueles termos tão problemáticos que a equipe buscava explorar e satirizar no roteiro. Assim, definiu-se o documentário da classe média.

A partir destes fundamentos, a narrativa adquiriu alguns atributos caricatos, como, por exemplo, o cenário do condomínio e do prédio chique, os personagens que se relacionam nos moldes do conceito cristão de família tradicional (o pai, a mãe e os filhos), os apartamentos luxuosos etc. Contudo, apesar do caráter individualista que vem atrelado a estes personagens, ainda era necessário que eles se sentissem vítimas de uma situação ou evento que afetasse a vida do coletivo e motivasse a mobilização dos envolvidos. Foi assim que o curta adquiriu o caráter de um grande desabafo da classe média, na qual os então moradores de um prédio reclamam das suas vidas, da situação do país, das coisas que os incomodam e, principalmente, da construção de um edifício de moradia popular bem ao lado do luxuoso condomínio.

Desta forma, o roteiro tem como principal justificativa a construção do prédio popular. Todos os relatos, depoimentos e introdução de personagens na trama têm como pretexto a coleta da opinião deste determinado morador ou funcionário a respeito da construção da moradia ao lado. A história se desenvolve porque os personagens cometem deslizes ao comentar sobre a construção e acabam também expondo suas opiniões acerca de outras temáticas que pouco ou nada têm a ver

com o assunto. É também assim que são apresentados novos personagens, o que acabou implicando em um numeroso elenco.

Para a construção de todos os personagens, cada integrante da equipe de roteiro reuniu seu próprio repertório a respeito de quem compõe classe média. Muitos dos personagens são inspirados em membros da família dos roteiristas, amigos ou conhecidos. Outros, são puramente inventados. Em reunião, todas as sugestões foram expostas e discutidas. Os personagens que eram parecidos, mas que haviam sido criados por roteiristas diferentes, sofreram uma fusão, transformando-se em uma única personalidade. O destaque para este processo de criação é que, embora sejam parecidos, cada personagem tem sua importância na história e representa um tipo de ideologia diferente de classe média, bem como pertencem a diferentes situações financeiras e detém diferentes poderes aquisitivos. Assim, das mais de trinta sugestões de personagens com as quais o processo de seleção se iniciou, foi possível estreitar esse número, ao final da produção do roteiro, para 21 personagens.

Bem como na construção de personagens, a elaboração do argumento também contou com a deliberação do grupo a respeito do andamento da narrativa. A equipe de roteiro realizou cerca de seis reuniões para desenvolvimento do texto. À medida em que a história se desenvolvia, novos personagens eram adicionados para dar consistência ao drama do condomínio e contemplar diálogos e discursos cuja inclusão no roteiro já havia sido planejada pela equipe. Diálogos que sofrem interrupções, aparições repentinas de personagens e conversas pelo celular são recursos dos quais o roteiro se utilizou, muitas vezes para introduzir um novo personagem ou para mudar de assunto. Inclusive, é assim que se dá o tom da narrativa logo na primeira cena, quando a personagem Tatiane interrompe Mariana para falar sobre o prédio em construção, mudando o assunto do documentário da sobrinha. Todo o argumento foi construído em grupo e o roteiro foi escrito pela diretora. Posteriormente, o texto final foi discutido em reunião da equipe de roteiristas e, mais tarde, em reunião com a equipe completa, para que fossem feitas as alterações necessárias. Depois de passar por três tratamentos, a quarta versão do roteiro foi a que satisfez a proposta e com base na qual a equipe começou a se planejar para as gravações, no começo de junho.

4.2 PLANEJAMENTO

Antes mesmo da finalização do roteiro, a equipe de produção realizou reuniões nas quais ocorreu a enumeração das providências que seriam necessárias. Aos cinco membros da produção foi delegada a responsabilidade de providenciar as locações; os direitos autorais e autorizações de uso de imagem; a alimentação e o transporte para a equipe e atores; os equipamentos necessários; os empréstimos; a elaboração do cronograma; o controle financeiro; a captação de recursos por meio do Catarse; a produção do vídeo que apresenta o projeto; e os patrocinadores.

O planejamento antecipado do cronograma de gravações possibilitou que a equipe dispusesse do tempo necessário para providenciar todos os requisitos. Com as gravações ocupando todos os finais de semana do mês de setembro, os meses de junho, julho e agosto foram reservados para que ocorressem as decupagens e encaminhamentos. Logo no mês de julho, a produção já havia conseguido, por meio da assinatura digital de um contrato, a autorização do cantor e compositor Max Gonzaga para a utilização de duas das suas músicas para compor a trilha sonora do curta: “Marginal” e “Classe Média”.

Apesar do tempo disponível, a produção teve muita dificuldade para conseguir encontrar locações. Seria necessário três apartamentos de família: um bastante luxuoso, um mediano e um simples. A princípio, a solução seria o aluguel desses espaços por meio do aplicativo *Airbnb*, através do qual os proprietários alugam suas casas e apartamentos por uma quantidade finita de dias, fins de semana e/ou temporadas. No entanto, os poucos proprietários cujos apartamentos serviriam para as gravações se recusaram a alugar para tal fim, ou até mesmo cobraram valores exorbitantes: R\$1.500,00 pelo aluguel durante um fim de semana, por exemplo. Uma alternativa foi buscar negociar o aluguel de apartamentos por intermédio de imobiliárias, o que também não se mostrou um método satisfatório, devido a indisposição tanto dessas empresas quanto dos proprietários a realizar um “aluguel informal” ou não permanente.

Sendo assim, restou para a produção procurar por empréstimos de apartamentos que pertencessem a professores, amigos e conhecidos, o que acabou sendo o caso dos três apartamentos utilizados no curta. O apartamento da personagem Dona Francesca pertence a uma atriz que fez teste para participar do

elenco, mas acabou não sendo selecionada; o apartamento da personagem Aida pertence a uma colega do curso; e o apartamento da personagem Tatiane pertence a um amigo da diretora. Logo, é evidente que cada apartamento estaria localizado em uma área diferente da cidade, causando incongruências em relação ao roteiro - uma vez que, de acordo com a história, todos os personagens moram no mesmo prédio. Com exceção do segundo apartamento, que fora combinado com antecedência, só foi possível confirmar com os proprietários o empréstimo dos demais locais na mesma semana em que ocorreria a gravação, devido a inúmeros fatores: disponibilidade dos atores e da equipe; disposição do proprietário em ceder o local por um dia completo ou mais; permissão do condomínio para que ocorressem as gravações; dentre outros detalhes.

Para utilização das demais locações externas nas dependências do condomínio, como área da portaria, hall e academia, foi solicitada uma autorização para que as gravações se realizassem, sob a condição de que o nome do condomínio não fosse exposto. Por outro lado, as gravações externas que ocorreram nas ruas e fachadas de prédios não exigiram esse cuidado.

No que diz respeito ao financiamento do projeto, foi de grande ajuda a criação de um perfil para o curta na plataforma de *crowdfunding* Catarse, através da qual foi possível cooptar recursos financeiros para cobrir a maior parte dos gastos com alimentação e transporte dos atores e da equipe. No perfil dedicado ao curta-metragem Eles Não Ligam Pra Gente havia a apresentação completa do projeto, envolvendo sinopse, justificativa, perfil dos personagens, cronograma e previsão de gastos, bem como um vídeo explicativo, no qual alguns membros da equipe convidam o espectador a contribuir com trabalho. A campanha, realizada entre os meses de julho e setembro, durou cerca de 60 dias e arrecadou, ao seu final, R\$420,00. O sucesso do financiamento coletivo *online* é, em grande parte, atribuído aos amigos e colegas de curso que colaboraram com a divulgação do perfil. A produção também buscou o apoio de alguns *youtubers*, escritores e professores que se identificaram com a ideia do projeto e o divulgaram gratuitamente em suas páginas de Facebook ou Twitter.

O curta-metragem também possui sua própria página no Facebook, gerida pela diretora e mais dois membros da equipe, intitulada “Eles Não Ligam Pra Gente -

Mocumentário”, a qual tinha o objetivo de divulgar o Catarse, o perfil detalhado de todos os personagens, sinopse da história, o processo de seleção de elenco e os patrocinadores do projeto. Em meio a este conteúdo, a página também veiculou *posts* de outras páginas de gênero semelhante e indicações de filmes, para fins de entretenimento. O perfil iniciou suas atividades no mês de julho e se mantém ativo até o presente momento.

A busca por patrocínio foi difícil: o custo-benefício não era tão compensatório para a produção e muitas empresas não demonstravam interesse em patrocinar o projeto, inclusive devido à temática do produto. Enfim, os patrocinadores do projeto foram uma gráfica e uma marmitaria, adequados à cota ouro e cota prata, respectivamente, os quais forneceram produtos para utilização nas gravações em troca de publicidade no curta-metragem e na página do Facebook.

Concomitantemente à atuação da produção, as equipes de fotografia e direção de arte também realizaram reuniões de decupagem, em conjunto com a direção, as quais não se estenderam para além do primeiro semestre de 2019. O intuito era fazer todo o planejamento possível dentro deste prazo, a fim de dedicar o segundo semestre para seleção de elenco, gravações e pós-produção.

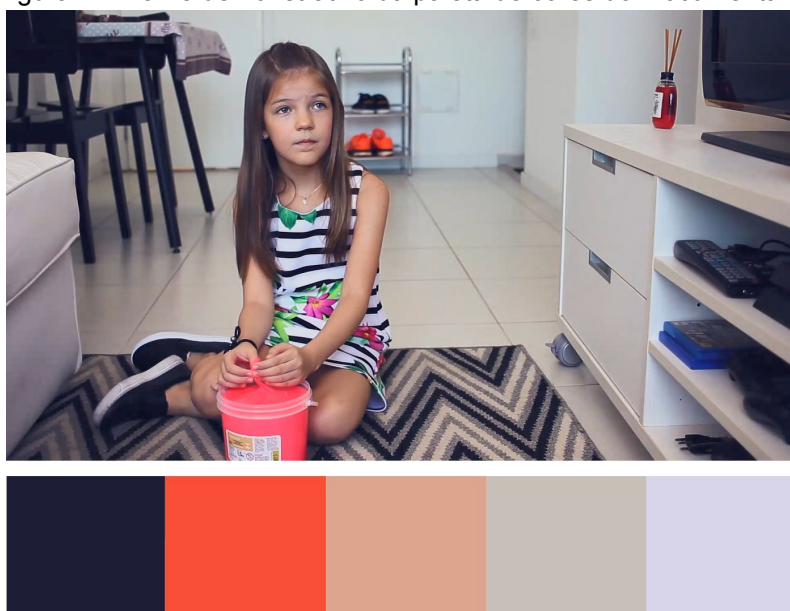
O processo de decupagem de fotografia foi bastante complicado, já que o mocumentário sugere um fluxo rápido de diálogos e exige que estes simulem a naturalidade de uma conversa espontânea. Logo, a fotografia deve acompanhar o ritmo da cena sem transparecer o fato de que houve um planejamento do espaço, de luz e das câmeras. Durante as reuniões, era constante o conflito de ideias sobre qual deveria ser, portanto, a abordagem dessa decupagem. Por um lado, era muito importante que todos os enquadramentos fossem especificados para que fosse possível seguir o roteiro à risca e todos os cortes, já antecipados pelo texto, funcionassem durante a pós-produção. Por outro lado, como o roteiro também exige naturalidade, seria bastante conveniente que a decupagem se limitasse em definir o número de câmeras em cena e qual seria a área de abrangência de cada uma delas.

Por conta dessa divergência, existem cenas que foram decupadas de acordo com o primeiro método, e outras cenas que, por envolver um número muito maior de personagens, foram decupadas de acordo com o segundo método e regidas pelo improviso. Um bom exemplo desse contraste é a alternância entre os depoimentos

sobre o prédio e os momentos em que os personagens contracenam: sempre que os personagens são convidados a expor sua opinião sobre algo, o enquadramento denuncia a câmera sob o tripé, indicando que o que está em tela foi planejado. Em contrapartida, em diversos momentos de interação entre personagens, fica evidente o método da câmera na mão, realizando diversos movimentos como panorâmicas, giros repentinos, *zoom-in* e *zoom-out*, etc. A maior parte destes movimentos não foi prevista pela decupagem.

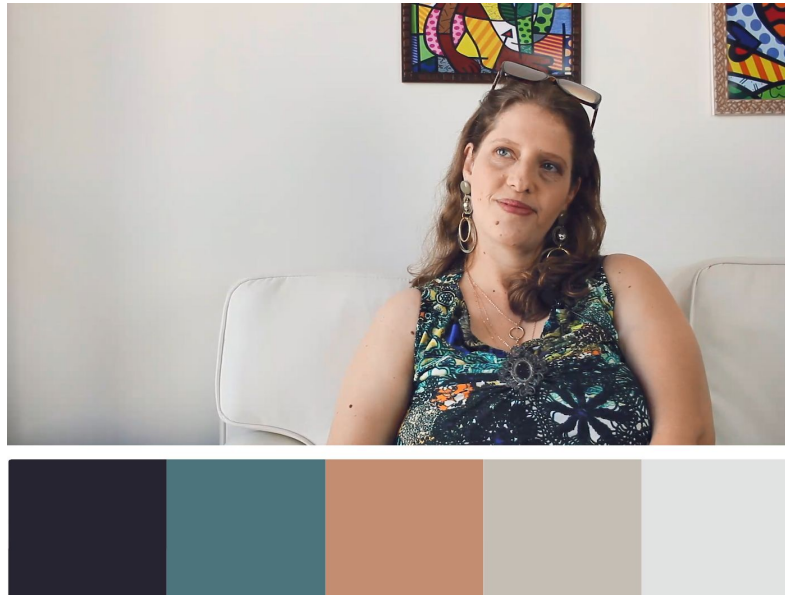
A decupagem da direção de arte, no entanto, ocorreu com mais facilidade e sem muitas divergências a respeito da composição. A elaboração dos figurinos foi a etapa que mais tomou o tempo da equipe, uma vez que os cenários de apartamentos exigiram poucas modificações: o trabalho era acrescentar ou eliminar alguns componentes como quadros, objetos de decoração etc. Foi consenso entre direção e equipe de arte que os personagens deveriam vestir as “roupas do dia a dia”, mas que ao mesmo tempo contribuíssem para a caracterização da sua personalidade e do seu papel na história. Logo, a escolha por objetos que se destacam, tecidos finos, estampas exóticas e cores vivas foi a mais atrativa, até mesmo para contrastar com os tons de cinza, bege e branco que possuíam as paredes e móveis dos apartamentos. Um bom exemplo dessa opção são as cenas do apartamento da personagem Tatiane.

Figura 7 - Frame demonstrativo da paleta de cores do mocumentário



Fonte: Acervo pessoal da autora

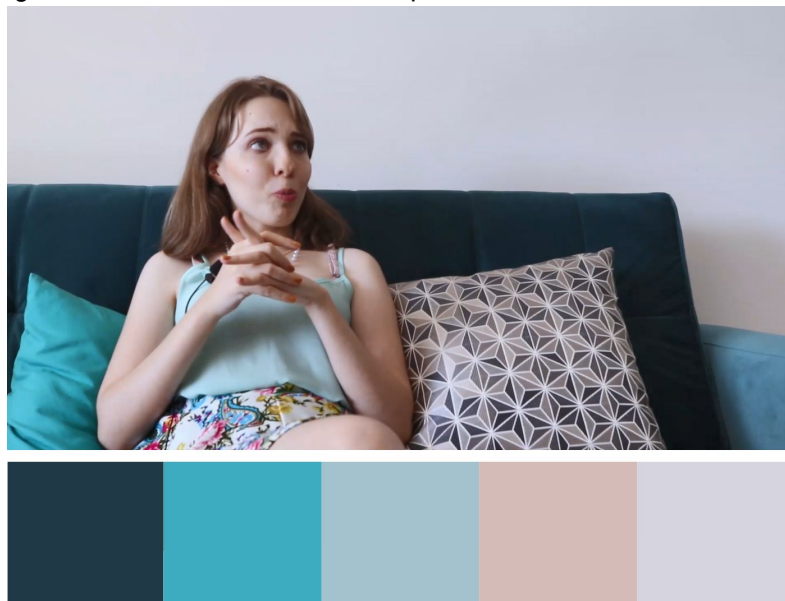
Figura 8 - Frame demonstrativo da paleta de cores do mocumentário



Fonte: Acervo pessoal da autora

No apartamento da Dona Francesca houve uma preferência pelos tons de azul, que é visível no figurino dos personagens em harmonia com os móveis, almofadas e vidraças do apartamento.

Figura 9 - Frame demonstrativo da paleta de cores do mocumentário



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 10 - Frame demonstrativo da paleta de cores do mocumentário



Fonte: Acervo pessoal da autora

Um detalhe interessante é o momento em que os personagens depõem e o som é captado por lapela: o fio do equipamento fica descaradamente exposto, denunciando o desleixo e o imprevisto da equipe de produção enquanto personagem do curta.

4.3 CASTING

O processo de seleção do elenco foi um dos mais trabalhosos durante a pré-produção, dada a variedade e o grande número de personagens. A equipe de *casting* era constituída por três integrantes, incluindo a direção. Tendo iniciado no final do mês de julho, as inscrições ocorreram via formulário *online*, o qual foi divulgado na página do Facebook e também nos grupos e escolas de teatro das quais já se tinha conhecimento. Ao longo de aproximadamente duas semanas, trinta e uma respostas foram registradas, abarcando desde voluntários que nunca passaram pela experiência da atuação até alguns que já possuíam DRT e exerciam a profissão.

Apesar do grande volume de inscritos, muitos desejavam realizar o teste para os mesmos personagens, tais como Elisa, Mariana e Cléber. Os personagens que eram negros, possuíam o perfil de mais de trinta anos de idade ou menos de dez

tiveram poucos ou nenhum voluntário inscrito. Para estes casos, foi necessário buscar por pessoas que tivessem contatos mais específicos de atores que pudessem participar do curta, para que a equipe de *casting* entrasse em contato e fizesse o convite para contribuir com o projeto.

Após o encerramento das inscrições, em agosto, foi dado o início ao período das audições, as quais ocorreram nas dependências da UNESP. O tempo reservado para realização de todas as entrevistas e veredicto foi de duas semanas, durante as quais ocorreram inúmeros contratemplos. Embora o formulário exigisse que a pessoa preenchesse as lacunas contendo o seu horário de disponibilidade para a audição, muitos voluntários comunicavam tardiamente a equipe que não poderiam comparecer ao horário marcado, ou sequer comunicavam. Um fator que também comprometeu a comunicação entre equipe e inscritos foi a falha técnica no envio dos e-mails que continham as informações de horário e local para a audição. Por razões desconhecidas, alguns dos e-mails enviados jamais chegaram às caixas de entrada dos inscritos. Por conta destas circunstâncias, o período de *casting* sofreu o atraso de uma semana.

Ao todo, foram realizadas mais de trinta e uma entrevistas, abrangendo as que são provenientes das respostas do formulário e também as que foram providenciadas pela equipe. No caso de alguns personagens específicos, como Aida, Dona Francesca, Cida, Matheus, Maria Eduarda e Luiz Augusto, não foram realizadas entrevistas, mas sim o convite direto para a participação no curta, dadas as especificidades necessárias dos atores para interpretação destes personagens. Inclusive, a equipe só conseguiu encontrar os três últimos na mesma semana ou apenas dias antes da diária de gravação que continha as cenas em que eles seriam necessários. Portanto, seria errado dizer que o processo de seleção de elenco perdurou somente pelo mês de agosto. Ainda em setembro, em meio a ocorrência das gravações, a equipe de *casting* ainda buscava por atores para completar o conjunto.

Podendo contar com a maior parte do elenco confirmada para as gravações que se seguiriam em setembro, foi dado início aos ensaios já em agosto, os quais se estenderam até as vésperas das diárias de gravação. O grande número de atores que compuseram o elenco exigia que houvesse uma divisão por “núcleos” de

personagens que contracenam em cada apartamento, logo: núcleo Tatiane, núcleo Aida e núcleo Dona Francesca. Devido à urgência com que a equipe precisou agendar as gravações, o núcleo Dona Francesca teve a oportunidade de ensaiar apenas uma vez, na véspera da gravação, ao contrário dos demais, que dispuseram de mais tempo para preparo. Também surgiu a necessidade de ensaiar com determinado ator ou atriz isoladamente por conta da dificuldade de conciliar os horários disponíveis entre os participantes da cena. Essa dinâmica influenciou negativamente no resultado final, já que é de suma importância que os atores tenham a oportunidade de exercitar o personagem em interação com os demais.

5 PRODUÇÃO

A etapa de produção envolveu as gravações e os preparativos para cada diária de gravação, estabelecidas previamente pela assistente de direção, de acordo com as decupagens realizadas, a disponibilidade da equipe, das locações e do elenco. Ao todo, foram necessárias dez diárias de gravação, das quais algumas ocuparam o período de um dia completo: manhã e tarde. Para tanto, foram ocupados praticamente todos os fins de semana do mês de setembro.

As ordens do dia, elaboradas pela assistente de direção, continham o detalhamento dos planos que seriam gravados durante a diária, mais a lista dos atores que deveriam estar presentes e a equipe selecionada para trabalhar naquele período. A equipe de produção ficou responsável pela logística, alimentação e transporte da equipe e dos atores. Quanto aos equipamentos necessários, cada equipe específica (fotografia, arte e som) foi responsável pelo empréstimo destes, quando não o possuíam, contando com o auxílio da produção executiva caso houvesse algum gasto não previsto nesse sentido.

5.1 GRAVAÇÕES

O processo de produção abarcou inúmeros imprevistos, desde aqueles que surpreenderam positivamente até os que quase se tornaram empecilho suficiente para inviabilizar a gravação. As duas primeiras diárias consistiram na gravação das cenas do vlog do *youtuber* conservador e as cenas no escritório da empresa do personagem Felipe. Ambas ocorreram tranquilamente, mesmo esta última tendo

contado com algumas substituições na equipe original de fotografia e sendo regida apenas pelo segundo assistente de direção. Ainda assim, não houve grandes problemas de produção e as diárias ocuparam apenas o período da tarde. A terceira diária ocorreu no então apartamento da Dona Francesca, durante a qual, em um único dia, foram gravadas todas as cenas relativas a esse núcleo de personagens. Essa foi uma das diárias mais complicadas, tanto por exigir uma grande dedicação de todos os membros da produção e dos atores quanto pelo desfalque de pessoal que a equipe sofreu durante aquele fim de semana.

Algumas peculiaridades atreladas àquela locação foram cruciais para a organização da equipe. A proprietária do apartamento só poderia emprestá-lo, no máximo, até aquele domingo, que foi o dia em que a gravação ocorreu. Além disso, a atriz que interpreta a Dona Francesca chegou de uma longa viagem apenas dois dias antes da gravação, o que implicou num único ensaio realizado às pressas, na véspera da diária. A atriz que interpreta Giullia, mesmo depois de ter confirmado disponibilidade para aquela data com seis dias de antecedência, informou, no sábado, que não compareceria mais, por motivos pessoais. Foi preciso insistir para que ela comparecesse, pois seria a única data disponível para gravar aquelas cenas, naquelas condições. Ela confirmou, então, no sábado à noite, que “faria um esforço” para ir à gravação de domingo. Mesmo assim, no domingo de manhã, alegou que estava doente e, de novo, não compareceria mais. Novamente houve um apelo por parte da diretora para que a atriz respeitasse o compromisso que assumiu com a equipe. Ela, finalmente, concordou em participar, mas a equipe precisou se submeter às necessidades e exigências que foram feitas de última hora pela atriz, como abandonar o *set* no momento em que ela julgasse necessário; almoçar na própria casa, diferente dos outros atores, que se alimentaram na própria locação e, ao retornar para o turno da tarde, não poderia permanecer no *set* para além das dezoito horas. O transporte da atriz foi de responsabilidade da equipe. Essas peculiaridades se tornaram um grande atraso e também um grande empecilho para a produção, já que bagunçaram o cronograma previsto para aquela diária e fizeram com que a ordem do dia fosse completamente reorganizada, na tentativa de gravar todas as cenas da personagem Giullia no período da manhã. Mesmo assim, foi

preciso que a atriz retornasse à tarde, pois ela precisaria contracenar com a Dona Francesca, cuja atriz só chegaria ao set, também, no período da tarde.

Ademais, houve os imprevistos envolvendo a própria equipe de gravação. As cenas que seriam gravadas no quarto do personagem Luigi estavam programadas para acontecer naquele dia, mas o pedido de produção dos pôsteres que estariam na parede do quarto do personagem não foi feito com antecedência o suficiente para que a gráfica fosse capaz de entregar naquela data. Logo, esse contratempo implicou no agendamento de uma nova diária de gravação, em outra locação, apenas para gravar as cenas do quarto do Luigi. Além disso, outro fator que dificultou o trabalho da equipe de arte foram as duas vezes em que, por razões externas ao trabalho, houve troca de integrantes. Essa instabilidade causou um ruído na comunicação entre os membros e o impacto no resultado final foi o negligenciamento da manutenção da paleta de cores em determinados momentos do curta. Embora a finalidade do projeto não abrangesse uma composição estética extremamente planejada ou cinematograficamente bela, o imprevisto da escolha de figurinos no meio da diária de gravação foi algo que não só causou atraso, como também confusão na ordem do dia (a qual já tinha sido bastante prejudicada por conta da atriz).

Também foi necessário pedir a dois amigos da diretora que substituíssem duas integrantes da equipe de fotografia, que estavam fora da cidade. A assistente de direção e o diretor de elenco, que estavam viajando, até então, também haviam informado que não participariam daquela diária. No entanto, conseguiram retornar para Bauru durante a madrugada para que pudessem comparecer à gravação no domingo de manhã.

Apesar de todos os contratempos, a diária foi finalizada com aproximadamente uma hora e meia de antecedência ao horário previsto. A boa surpresa foi que, mesmo sem uma rotina consistente de ensaios, os atores foram capazes de entregar um bom trabalho feito com base no perfil dos personagens e até mesmo houve improviso em alguns momentos, que era o ideal para se atingir a naturalidade exigida pelo documentário.

Em meio às gravações que ocorriam em fins de semana, também houve diárias em dias úteis, quando as cenas envolviam poucos personagens ou apenas

gravações externas da cidade. Uma dessas externas precisou ser reagendada para a próxima manhã, já que a forte luz do sol inviabilizou a gravação no local escolhido. De um lado, o prédio grande ficava fora da área de iluminação e, do outro, o prédio pequeno ficava extremamente iluminado, implicando na “imagem estourada” no visor da câmera. Logo, as condições de iluminação dos arquivos brutos denunciam que cada gravação externa aconteceu em um período diferente.

No fim de semana seguinte, ocorreram as gravações da cena do quarto do personagem Luigi, no sábado, bem como todas as cenas referentes ao núcleo de personagens que contracenam no apartamento da Aida, no domingo. Depois de todas as dificuldades enfrentadas no fim de semana anterior, dessa vez a equipe estava mais preparada para o caso de haver algum imprevisto semelhante. No entanto, como essas gravações foram agendadas com mais antecedência e uma delas aconteceu no apartamento de uma colega do curso, as diárias se encaminharam com relativa tranquilidade. Ambas ocuparam apenas um período do dia: a tarde de sábado e a manhã de domingo.

Em relação ao núcleo de personagens do apartamento da Aida, houve dificuldade em dirigir os atores. Seja pela inexperiência neste assunto específico, pela dificuldade de se comunicar ou de se fazer entender pelo ator, existe uma falta de tato e de treino para situações em que é preciso exigir mais do que o ator costuma entregar. Houve momentos em que, mesmo explicando de maneiras diferentes como determinado personagem deveria se portar e tentando dialogar com os atores, era quase impossível fazer com que eles abandonassem alguns vícios de expressão. Mesmo tendo disposto de tempo para ensaiar, a maioria dos planos gravados naquele domingo demandou que fossem realizadas, em média, cinco tentativas - insistência que, até então, não havia sido tão constantemente necessária. Em geral, o sexto ou sétimo *take* era o que mais se aproximava da expectativa.

Essa dificuldade, na verdade, acompanhou a direção geral e a direção de elenco ao longo de todas as gravações: pelo menos uma vez por diária, a equipe se deparava com alguma cena que não fluía bem ou em que não era possível eliminar o aspecto de “texto decorado”, mesmo com a mudança repentina do conteúdo da fala ou de tom de voz. Por conta disso, era pedido que os atores tentassem não se

apegar muito ao texto escrito e improvisassem de acordo com a personalidade que criaram para os respectivos personagens. Alguns obtiveram êxito logo na experimentação e, mais tarde, acabavam se sentindo mais seguros para improvisar cada vez mais. Outros, não dispunham dessa facilidade e, por mais que tentassem diversificar, acabavam enunciando o texto escrito no roteiro.

Depois desse fim de semana, houve a gravação de todas as cenas do personagem Maurício, realizada numa quarta-feira. A vantagem deste personagem é que, na maior parte do tempo, ele não contracenava com os demais, apenas concede sua opinião para a equipe de gravação isoladamente. Devido à profissão de personal trainer, as gravações deveriam ocorrer na academia e área externa do prédio em que se passa a história. Mas, assim como as gravações que envolveram o personagem do porteiro e gravações no hall e portaria, as da academia também acarretaram problemas, pois apesar da permissão concedida pela portaria do prédio em questão, as gravações não poderiam ocorrer de maneira que causasse qualquer distúrbio ou interferência na rotina dos moradores reais do prédio. Logo, algumas gravações que se iniciaram em áreas comuns, como academia e portaria, tiveram que ser interrompidas ou apressadas para que fosse respeitada essa condição. Sendo assim, em alguns momentos foi preciso realizar às pressas alterações pontuais no roteiro para que fosse justificada a presença do personagem Maurício em ambientes que eram apenas próximos ou pouco tinham a ver com a academia. Além disso, nessa diária a equipe de arte deixou de levar itens que seriam peças-chave para algumas cenas do personagem, o que também implicou em alterações de última hora no roteiro. O replanejamento das cenas ocasionou atrasos na diária e ela acabou levando mais tempo do que o necessário.

Por fim, as últimas gravações ocorreram no último fim de semana de setembro, ocupando a sexta-feira, sábado e domingo. Embora tenham sido deixadas para o final, por conta da agenda da atriz que interpreta a personagem Tatiane, era consenso entre a equipe que estas seriam, provavelmente, as gravações mais complicadas de todo o processo de produção, tanto pelo número de atores envolvidos, quanto pela complexidade das cenas a serem gravadas.

Na sexta-feira, foram gravadas as cenas externas e o depoimento envolvendo o personagem do porteiro. Novamente, a variação e a discrepância da iluminação do

sol foi uma dificuldade enfrentada durante o planejamento daqueles planos. A caminhada que o porteiro realiza entre o prédio em que ele mora até o prédio em que trabalha deveria abranger os dois edifícios, mas para que a fotografia não fosse prejudicada, foi preciso fazer a escolha de enquadrar apenas a saída do personagem do novo prédio. Ademais, aquela foi uma diária que ocupou pouco tempo do turno da tarde e foi concluída sem qualquer outro tipo de prejuízo.

Para o sábado, no período da manhã, a ordem do dia previa a gravação das cenas abrangendo a personagem Tatiane e o filho, Nicolás. Não houve empecilhos durante a gravação dos planos propriamente dita, mas parte da equipe estava se dedicando às providências necessárias para as gravações que ocorreriam após o intervalo para almoço.

Durante a tarde, deveriam acontecer as cenas em que há uma grande confusão na portaria, envolvendo os personagens Tatiane, Nicolás, Matheus, Ricardo, Luiz Augusto, porteiro e mais um número considerável de figurantes. Foram muitos os fatores que deixaram a equipe bastante apreensiva e insegura a respeito do andamento dessas cenas. O primeiro deles era que, apesar da equipe de produção ter buscado o contato de moradores conhecidos de diversos prédios da região, na expectativa de entrar em contato com os respectivos síndicos para pedir autorização para gravar, todo o esforço não havia surtido efeito até horas antes da gravação da cena, por inúmeros motivos: muitos não tinham o contato do síndico ou não o conheciam; a outros síndicos não era agradável a ideia de haver uma gravação em áreas de passagem de moradores; outros sequer reagiam à proposta e deixavam de responder a produção.

Sendo assim, durante as gravações que ocorriam sem nenhuma complicação no período da manhã, ainda havia equipe trabalhando para conseguir uma locação onde pudessem ser gravadas as cenas do período da tarde. A autorização para gravar na área externa do mesmo prédio em que a equipe se encontrava já havia sido solicitada anteriormente, mas fora negada. Havia o “plano B”, que consistia em gravar na área externa do prédio em que mora a assistente de direção, cujo síndico concedeu autorização para gravar, mas aquela era uma alternativa indesejável devido à característica arquitetônica do prédio, a qual não dialogaria com as áreas externas em que foram gravadas outras cenas do curta. Por conta da urgência da

gravação à tarde, uma amiga que compunha a equipe naquela diária - substituindo, novamente, uma das integrantes da equipe de fotografia - era ex-moradora daquele condomínio e tentou pedir novamente autorização para gravar. Dessa vez, fora concedida, desde que a produção se retirasse do espaço quando o salão de festas começasse a ser preparado para um evento que ocorreria no condomínio naquela tarde. Para a equipe, aquele era um prazo bastante constrito, já que a cena era complexa e exigia muitas pessoas, tanto constituindo a equipe quanto o elenco.

Em segundo lugar, a direção de elenco corria o risco de não conseguir treinar os atores de maneira harmoniosa para uma cena tão delicada, já que os atores que interpretariam os protagonistas da cena, Matheus e Luiz Augusto, foram encontrados pela equipe de *casting* e aceitaram participar do trabalho com menos de uma semana de antecedência, não havendo tempo hábil para ensaio. Além disso, o convite aos figurantes que participaram da cena foi feito na véspera da gravação e também durante o período da manhã, enquanto ocorria a gravação das outras cenas. Por fim, quem compareceu foram algumas pessoas conhecidas - e também um ator que já compunha o elenco - que, por acaso, estavam disponíveis naquela tarde de sábado.

Ao contrário do que se poderia esperar, essa foi umas das cenas que obteve o melhor resultado quando comparada à expectativa advinda do roteiro. Na ordem do dia constava que a gravação ocuparia todo o período da tarde, mas pelo desempenho surpreendentemente ágil do elenco em conseguir desenvolver os personagens e da equipe em se adaptar à restrição de tempo e de espaço, a diária foi concluída com tempo de folga até mesmo em relação ao prazo que a portaria do prédio havia estipulado para o término da diária. Foram realizados cerca de três ensaios da cena antes de se iniciarem as gravações e, mesmo assim, sobrou tempo para que fossem gravados sete *takes* da mesma cena. Este é, precisamente, o único momento do curta que exigiu que as três câmeras fossem operadas manualmente, sem que houvesse apego com a decupagem, já que era muito mais interessante que a cena fluísse naturalmente e a gravação tivesse o aspecto documental, capturando momentos que, teoricamente, não foram planejadas pela equipe de gravação enquanto personagem do curta. Os figurantes participaram ativamente da cena e a direção não encontrou dificuldades para orientá-los. Inclusive, por sorte uma das

figurantes acabou se encaixando no perfil da personagem “senhora do 27A”, cuja aparição não havia sido planejada pelo roteiro, mas que, para o contexto da cena, acabou sendo bastante importante.

O domingo, último dia de gravação, foi marcado pelo grande volume de planos gravados e também de pessoas envolvidas na diária, tanto da equipe quanto do elenco, no pequeno espaço do qual dispunha o apartamento que serviu de cenário para a sala da personagem Tatiane. Só nesta diária foi gravado um terço do curta-metragem, o qual corresponde aos primeiros dez minutos do produto final.

Embora a maior parte das cenas se restringirem ao ambiente da sala, a disposição dos móveis e dos cômodos do apartamento não favoreceu a direção. O momento em que a personagem Tatiane passeia pelo apartamento para apresentá-lo à equipe exigiu que a cena fosse gravada parcialmente em outra locação, que dispunha de três quartos (o apartamento em questão tinha apenas um quarto que, na narrativa, representava a porta da cozinha). O planejamento dessa dinâmica ocorreu repentinamente, durante a gravação, o que causou atraso no andamento dos planos seguintes. A realização de passeatas na rua em que se situava a locação também obstruiu o andamento das gravações, devido a perceptível interferência no som. Foi preciso esperar que a rua fosse desocupada pelos participantes da passeata. Além disso, a própria produção também atrasou ao transportar os atores para a locação e ao providenciar o almoço. Logo, o turno da manhã teve uma duração muito maior do que o da tarde, pois o adiamento do horário de almoço implicou no adiantamento dos planos que seriam gravados à tarde.

Apesar dos inúmeros contratemplos, a diária foi finalizada exatamente dentro do prazo previsto. Como as cenas gravadas envolviam seis personagens contracenando, foi preciso que as atrizes permanecessem no set durante o dia todo, o que fez dessa diária uma das mais desgastantes e cansativas. Ademais, o cansaço do elenco e da equipe técnica influenciou também na atuação, que poderia ter sido mais bem dirigida depois de um olhar atento ao roteiro. Algumas piadas embutidas na entonação com que as personagens deveriam falar o texto foram perdidas por conta da desatenção, do desgaste e, em alguns momentos, por uma própria limitação da comunicação entre a direção e as atrizes.

Contudo, o resultado foi satisfatório quando observado dentro do contexto geral do curta-metragem. Embora quase todas as diárias tenham contado com interferências externas e até mesmo algumas faltas cometidas pela equipe, não houve nenhum grande prejuízo em relação à expectativa gerada na pré-produção. No último dia do mês de setembro, todos os arquivos brutos já haviam sido reunidos e organizados para que fosse dado início ao processo de pós-produção.

6 PÓS-PRODUÇÃO

A pós-produção foi subdividida em montagem, sonorização, trilha sonora, colorização, videografismo e finalização. O processo que levou mais tempo foi a montagem. Como a maioria das gravações envolveram o uso de três câmeras e duas fontes de captação de áudio (*zoom* e lapela), sincronizar os arquivos brutos de imagem e som acabou ocupando uma grande parte do período de duas semanas reservado para a realização da montagem.

A princípio, o mês de outubro deveria contemplar toda a pós-produção, mas como cada cena pode contar com quatro *takes* em média, a oportunidade de escolher e reorganizar trechos que ficariam mais bem colocados foi mais tentadora do que terminar o processo rapidamente, sem preocupação com uma montagem harmoniosa. A prioridade era valorizar a atuação, aproveitando-se do fato que um documentário pode conter diversos cortes sem comprometer a linguagem. Portanto, em muitas situações, uma cena é composta por planos de todos os *takes* gravados.

É possível, durante o curta, notar alguns problemas de continuidade. Embora a linguagem do documentário sirva de muleta para cortes bruscos, nem em todas as oportunidades é possível realizá-los sem se preocupar com a continuidade e sem comprometer a narrativa. Logo, momentos em que os personagens mudam de posição, detalhes no cabelo e expressões corporais entre cortes não foram motivo de preocupação. Já os cortes que denunciam alterações de cenário e luz do sol (indicando que a mesma cena foi gravada em horários diferentes do dia) foram erros inevitáveis na montagem, já que deveria ter havido mais atenção da equipe técnica no momento da gravação. Assim como previa o roteiro, os cortes são elementos críticos e fundamentais na composição da linguagem, geralmente para apresentar

situações de contraste entre o discurso e a imagem (compondo a ironia pretendida) ou na intenção de demarcar o ritmo já característico de um documentário.

A edição do áudio e sonorização exigiram cautela, já que houve momentos (geralmente os depoimentos de personagens) em que a lapela era o único recurso de captação de áudio com o qual se podia contar; em outros, apenas o *zoom* e *boom*; e raramente, os três funcionando simultaneamente. A diferença presente entre a captação do áudio da lapela e a do *boom* é bastante evidente e em diversas cenas não foi possível amenizar este contraste, nem mesmo com a posterior equalização através de softwares de áudio. Além disso, era necessário que o som fosse nítido o suficiente para que fosse audível e inteligível ainda que combinado com o efeito sonoro de construção civil, presente em boa parte do curta-metragem, sobretudo nas cenas que envolvem o apartamento da personagem Tatiane.

Ademais, a sonorização foi caracterizada pela inserção de *foley* de campainhas, interfones, ambiência etc. Não houve preocupação em retirar absolutamente todos os ruídos - apenas aqueles que eram prejudiciais para o bom entendimento dos diálogos - já que o som ambiente deveria fazer parte da constituição da cena enquanto composição daquela realidade: latidos de cachorro, alarmes, som de motores de motocicleta, pássaros etc mais contribuíam para a ambientação de um condomínio do que atrapalhavam.

A trilha sonora, por outro lado, não foi composta por faixas personalizadas e, portanto, não exigiu um trabalho peculiar. Em diversos momentos ela serve apenas para fortalecer a diegese que já está intrínseca na cena e se desencadeia independentemente da presença ou ausência de alguma melodia. Logo, as faixas utilizadas foram retiradas de acervos *online* gratuitos, com exceção das duas canções do cantor e compositor Max Gonzaga, “Marginal” e “Classe Média”, introduzindo e encerrando o curta-metragem, respectivamente. O artista gentilmente cedeu os direitos de utilização dessas músicas no curta-metragem.

A finalização abrangeu a colorização e a inserção de videografismos através dos quais é possível identificar os personagens. Muitos deles não se apresentam formalmente, então este era um recurso imprescindível na pós-produção. As cores adicionadas ao filme no processo de colorização não causaram grande alteração na paleta de cores, uma vez que o intuito do processo era, primeiramente, eliminar as

diferenças de cor entre as câmeras - o que acabou sendo uma etapa bastante trabalhosa, já que os modelos de câmeras eram diferentes a cada gravação e, portanto, não era possível garantir uma uniformidade de cores impressas nos arquivos brutos.

Em geral, os tons claros que se destacam durante o curta quase sempre são puxados para o amarelo, enquanto as sombras são puxadas para o azul. A escolha dessas tonalidades só é justificada pela tentativa de deixar a imagem menos “crua” e mais uniformizada.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de um mocumentário enquanto trabalho para conclusão de curso se mostrou bastante desafiadora, principalmente quando se considera as restrições e condições sob as quais o projeto se desenvolveu. Para que a entrega fosse realizada dentro do prazo de dois semestres letivos, vários processos que poderiam ter recebido mais atenção - ou até mesmo refeitos - foram suprimidos ou apressados devido ao prazo de entrega, limitação de recursos financeiros, limitações geográficas etc. Considerando-se uma produção universitária, estes fatores têm influência não apenas no formato mocumentário, mas em qualquer tipo de produção audiovisual.

No entanto, a possibilidade de explorar a linguagem do mocumentário é um processo enriquecedor, que agrega conhecimento tanto do método quanto do conteúdo e da forma. A oportunidade da experimentação, da utilização de discursos não-convencionais e do improviso abrem portas para que se possa pensar no audiovisual como mais do que meio de comunicação, mas como experiência que pode ter um fim em si mesma. Todo o processo de organização de uma grande equipe, planejamento, pré-produção, produção e pós-produção é um aprendizado de mercado e compõe um repertório que certamente será bem aproveitado no futuro, do ponto de vista profissional e pessoal.

O curta-metragem, enquanto produto final de todo esse processo, pode não ter atendido a todas as expectativas almejadas pela equipe - e seria surpreendentemente incomum se esse fosse o caso, já que as diversas transformações pelas quais o produto passa durante o seu processo de produção faz com que seja praticamente impossível a concretização perfeita do roteiro.

Contudo, o resultado é considerado satisfatório diante das circunstâncias nas quais o projeto se realizou. O trabalho teve competência para desenvolver um diálogo com o subgênero documental e se tornou mais uma referência da qual as próximas produções do curso podem se utilizar. Além disso, algumas cenas cuja gravação não seria sequer viável para uma produção universitária - devido a diversos fatores (elenco, figuração, locação, produção) - obtiveram êxito na execução devido à dedicação de todos os integrantes (e também um pouco de sorte).

Definitivamente, o grande número de pessoas envolvidas, tanto da equipe quanto do elenco, foram um diferencial neste trabalho. Normalmente, quanto maior o time, mais problemas têm chance de aparecer e mais vulnerável se torna a produção. A execução deste projeto certamente corroborou essa premissa, ao passo que também provou que não é impossível concretizar uma (relativa) grande produção com baixo recurso, desde que se esteja disposto a praticar o desapego às grandes ambições.

No mais, espera-se que esta contribuição para o audiovisual independente tenha construído um bom diálogo com o tema e com a linguagem, visto que o fio condutor do curta-metragem consistiu na desconstrução de discursos problemáticos por meio da sátira. Como já pontuado ao longo deste relatório, é de fundamental importância a identificação destes discursos para que seja possível combatê-los. Para tanto, o audiovisual se mostrou uma excelente ferramenta.

8 REFERÊNCIAS

8.1 REFERÊNCIAS VIDEOGRÁFICAS

Casa grande. Direção: Fellipe Barbosa. Produção: Iafa Britz, 2016. Longa-metragem, Rio de Janeiro, Brasil.

Behind the curve. Direção: Daniel J. Clark. Produção: Caroline Clark, Daniel J. Clark, Nick Andert, 2018. Documentário, Estados Unidos.

Modern Family. Direção: Gail Mancuso, Jason Winer, Michael Spiller, Steven Levitan. Produção: ABC, 2009. Série, Estados Unidos.

Recife Frio. Direção: Kléber Mendonça Filho. Produção: Emilie Lesclaux, Juliano Dornelles, 2009. Curta-metragem, Recife, Brasil.

8.2 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORRÊA, Marcelo. **Brasil é o 10º país mais desigual do mundo**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/brasil-o-10-pais-mais-desigual-do-mundo-21094828>>. Acessado em: 03 de novembro de 2019

CHAUÍ, Marilena. A nova classe trabalhadora e a ascensão do conservadorismo. In: CLETO, M.; DORIA, K.; JINKINGS, I. (Org.). **Por que gritamos golpe?: para entender o impeachment e a crise política no Brasil**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016. p. 15-22.

_____. Marilena Chauí sobre a classe média, 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9RbBPVPybpY&>>. Acessado em: 28 de outubro de 2019.

ECO, Umberto. Los marcos de la libertad cómica. In: ECO, Umberto. **Carnaval!**. México: Fondo de Cultura Económica, 1989. p. 9-20

HIGHT, Craig. El falso documental multiplataforma: un llamamiento lúdico, 2008. Acessado em: 07 de novembro de 2019 <<http://www.archivosdelafilmoteca.com/index.php/archivos/article/view/192>>

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. 6 ed. Campinas: Papirus, 2016.

NICHOLS, Bill. Confundindo filmes: mockumentaries e outras formas de documentário irônico, 2012. In: SUPPIA, Alfredo. *Quando a realidade parece ficção, é hora de fazer mockumentary*. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 65, n. 1, p. 60-63, Jan. 2013.

RIBEIRO, Darcy. Classe, cor e preconceito. In: RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 208-219

SCALATA, André Ricardo. Quem é a classe média no Brasil? Um estudo sobre identidades de classe. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 58, nº 1, p. 111-149, 2015.

SOUZA, Jessé de. **A radiografia do golpe**: entenda como e por que você foi enganado. Rio de Janeiro: Leya, 2016.

9 APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Endereço eletrônico para acesso ao curta-metragem:

APÊNDICE 2 - Roteiro do documentário Eles Não Ligam Pra Gente - quarto tratamento

MARIA EDUARDA está sentada no tapete de uma sala típica de qualquer apartamento de classe média. Ela está brincando timidamente com uma boneca e falando sobre o que mais gosta de brincar. Ao fundo, escuta-se o barulho de uma construção civil.

MARIA EDUARDA
De boneca.

ELES NÃO LIGAM PRA GENTE

MARIANA (VOZ OFF)
E com quem você gosta de brincar?

Juliana Mossoni, Matheus Sotero, Rafael Cozaro, Tainá Arcanjo

MARIA EDUARDA
Com a Maria Clara.

TATIANE (VOZ OFF)
Maria Clara, filha? De novo? Porque você não fala da sua amiguinha, Valentina, que mora lá no 43?

TATIANE, mãe da Maria Eduarda, interrompe a entrevista da filha, olha rapidamente para a câmera e conversa com a sobrinha, Mariana, que está tentando fazer um documentário sobre psicologia infantil. TATIANE se mostra incomodada com o rumo que a entrevista está tomando.

TATIANE (CONT'D)
(preocupada)
Acredita, Mari? Essa Maria Clara é a filha do zelador, a Duda não desgruda dela... Não sei o que viu nessa menina...

MARIANA
Tia, tem que deixar ela responder, faz parte do documentário...

Um forte barulho de britadeira atrapalha o diálogo das duas, somado à birra de MARIA EDUARDA, já cansada de dar entrevista. TATIANE reclama.

TATIANE
Ai, olha aí, de novo! O dia inteiro esse barulho! Assim não dá, gente!

TATIANE vai até a sacada do apartamento e abre a porta para sondar o outro lado da rua. Ela se volta para Mariana e protesta, novamente.

2.

TATIANE
Já que 'cê tá fazendo documentário, por que que não fala de assunto sério? Porque esses negócio de psicologia infantil aí que cê tá fazendo, já tá todo mundo falando, Mariana, tem de monte, em tudo quanto é lugar. Agora, disso aqui ninguém fala! Olha aí essa falta de respeito com o morador. Vê se pode um negócio desse!

Acompanhamos a construção de um prédio e várias imagens da cidade, bem como do bairro no qual está sendo feita a entrevista com a família. Somos introduzidos ao título do documentário, "Eles não ligam pra gente".

2 S01C02 - SALA DO AP. DA TATIANE - INT/DIA

TATIANE está sendo entrevistada por MARIANA em sua sala. Ela fala sobre a sua vida e os problemas que está vivenciando no prédio.

TATIANE
Meu nome é Tatiane, eu tenho 36 anos e sou professora de biologia. Trabalho só meio período, porque queria me dedicar a educar meus filhos também.

Enquanto TATIANE fala, vemos imagens suas brincando com a filha e recebendo gentilmente a equipe de gravação em sua casa. CLEIDE, a empregada, põe a mesa do café.

TATIANE
Pode entrar, gente, fica à vontade, fiz um cafezinho aqui pra vocês...

CLEIDE serve as xícaras com café e termina de levar os pratos de comida à mesa. A equipe também a entrevista.

CLEIDE
(rindo timidamente)
Ele não gosta, né? O Fábio, marido da dona Tatiane, falou que... não gosta muito do café dela. Aí sobra pra "mim" fazer também.

TATIANE volta a depor a respeito dos problemas trazidos pela construção do prédio ao lado.

TATIANE
Um absurdo, né, por que a gente paga

3.

pra ter essa vista, né, esse conforto e aqui não é um condomínio barato, é caro. E aí a gente paga o prego por essa vista sem saber que no final das contas a gente não vai ter porque o governo decidiu construir um prédio ali. Isso sem falar no pessoal... né?

TATIANE faz uma expressão de desdém pelos novos vizinhos.

TATIANE (CONT'D)
'Essas coisa' de Minha Casa Minha Vida e tal, a gente... não tem contato, né? Então não sabe muito que tipo de gente que vai acabar se mudando aí. Ah! Aliás, sabe quem que tá incomodada também? A Aida, ela mora lá no décimo andar. Vou até chamar ela aqui, porque estava reclamando esses dias pra mim que a vista ia ser prejudicada.

TATIANE pega o celular, revestido por uma case extremamente brega, para mandar mensagem e, percebendo a demora da resposta da amiga, manda CLEIDE interfonar diretamente no apartamento.

TATIANE
Cleide! Liga lá na Aida, fala que eu mandei mensagem pra ela descer?

CLEIDE, da cozinha, acata a ordem e interfona para AIDA.

CLEIDE
Alô. Oi, Cida! Tudo certo? Aqui também, graças a Deus. 'Cê num chama a Dona Aida pra descer aqui, fazendo favor? A Dona Tatiane mandou mensagem e tá querendo falar com ela. Tá?

Enquanto espera AIDA, TATIANE oferece à MARIANA e à equipe um passeio pela casa.

TATIANE
Vocês não querem conhecer o apartamento enquanto isso? Fazer um tour?

TATIANE sorri e guia a equipe dentro da casa. Ela mostra, orgulhosamente, a mobília e os diplomas expostos no corredor.

4.

TATIANE

Esse aqui é do Fábio. Ele formou em engenharia elétrica.. Esse aqui é o meu, da licenciatura...

No banheiro, ela exhibe as louças caras.

TATIANE
Esse aqui é banheiro social, né... Ele
é porcelanato, inteiro...

TATIANE passa rapidamente pelo quarto do casal, em que enfatiza a "suíte".

TATIANE
Aqui é a nossa suíte...

TATIANE, na frente da porta da cozinha, olha para a câmara e confessa

TATIANE
A cozinha não vou nem mostrar, que tá
aquela bagunça!

Neste momento, AIDA bate na porta e já coloca a cabeça para dentro do apartamento.

3 S01C03 - SALA DO AP. DA TATIANE - INT/DIA

AIDA chega ao apartamento da amiga, acompanhada de JULIANA, a manicure que faz atendimento à domicílio. Elas interrompem o exibicionismo de TATIANE e são apresentadas à equipe.

AIDA
Oi Tati, tô entrando, tudo bem?

TATIANE
Oi, querida! Tudo certo? Trouxe a Ju
também?

AIDA
Tava lá em casa agora, terminando de fazer minha mão. Falta fazer só a da Elisa agora, né, jû?

JULIANA balança a cabeça afirmativamente e não tem a oportunidade de dizer nada. As três logo se acomodam e a equipe começa a entrevistar AIDA.

AIDA
Meu nome é Aida, tenho 43 anos e sou

• ୩

consultora empresarial. Esse prédio é assunto de toda reunião do condomínio. Seu Cláudio faz que não ouve e ignora. Mas só a gente sabe o sofrimento que esse barrullo o dia inteiro, sem falar que quando isso ai ficar pronto, 5... Vai encher de gente, né? Aquela pessoalinho que fica rondando aqui, já.

JULIANA aparece, ao lado de AIDA e fica um pouco incomodada com a fala da patroa, fica sem reação. AIDA percebe e tenta se retratar.

AIDA
Assim, Ju, eu sei que você tá mudando pra lá também, mas você a gente conhece, né? Há quantos anos fgo unha com você... Você é quase da família!

A equipe, então, decide ouvir o que JULIANA tem a dizer sobre o prédio.

JULIANA
Eu sou a Juliana, tenho 26 anos, sou manicure autônoma, sou dona do meu próprio negócio. Eu e o meu marido a gente vai se mudar pra lá quando ficar pronto, porque a gente financiou o apartamento, né? Mas tudo pago com dinheiro do meu próprio trabalho, meu marido também trabalha muito, a gente não deve nada pro governo, não.

JULIANA desvia o olhar da entrevistadora, MARIANA, e acaba olhando rapidamente para a câmera.

4 SOIC04 - SALA DO AP. DA TATIANE - INT/DIA

A entrevistada de JULIANA é interrompida por uma batida na porta. CLEIDE atende e dá de cara com ELISA, filha de AIDA, que está procurando pela mãe e pela manicure.

ELISA
Oi, a Cida falou que a minha mãe tá
aqui...

TATIANE e AIDA recebem ELISA e explicam que estão fazendo uma denúncia para um documentário.

6.

TATIANE
Entra aqui, Elisa, fica à vontade! O pessoal tá gravando aqui a gente falando do prédio que tão construindo aqui do lado.

ELISA cumprimenta AIDA e TATIANE e logo desvia a atenção para JULIANA, que estava sendo entrevistada.

ELISA
Ô, Jui Tava te procurando, 'cê não ia fazer minha unha?

ELISA se senta ao lado de JULIANA e começa a falar espontaneamente sobre o seu dia e dos problemas pelos quais está passando.

ELISA
Ah então, já que vocês tão falando de problema, deixa eu contar: vocês acreditam que vou ter que cancelar a minha viagem pro Marrocos por que aquele pessoal tá fazendo greve DE NOVO? Sábida, mãe?

ELISA se volta para a mãe. MARIANA, no canto da sala, revira os olhos. AIDA demonstra surpresa e aproveita para apresentar orgulhosamente a filha à equipe.

AIDA
Pessoal, essa aqui é a minha filha, Elisa, ela tem 20 anos e tá fazendo arquitetura na FAU, né, na USP...

ELISA, o foco das atenções, volta a falar sobre a greve da universidade.

ELISA
Sinceramente, não vejo motivo pra fazer greve, os grevistas nem sabem o que querem. Eu, particularmente, sou contra fazer greve, porque prejudica os estudos, ninguém nunca ganhou nada com greve, eu tenho muita coisa pra fazer, sabe? Tipo, essa semana ia ter um monte de prova...

Enquanto ELISA fala, o foco se volta para AIDA, ao fundo, que está tendo dificuldades para mexer no celular e ligar para o seu marido, CARLOS.

7.

AIDA
Só um minutinho aqui... Que meu marido sabe falar melhor o que tá acontecendo nesse prédio aí. Já tô ligando pra ele aqui.

O celular, no viva-voz, toca algumas vezes e CARLOS atende, apressado.

CARLOS
Oi, fala. Tô ocupado.

AIDA
Ô Carlos, será que você não consegue vir aqui, não? A gente tá falando do prédio pra umas meninas aqui... Elas tão dirigindo um documentário.

CARLOS
(rindo)
Ih, tão dirigindo? Cuidado hein... Já sabe como é que é mulher no volante!

TATIANE e ELISA, que estavam em volta do celular, reviram os olhos. AIDA dá uma risada sem graça e tenta amenizar o desconforto.

AIDA
Ah ele é brincalhão assim mesmo, viu... Sabe como é que é homem, né? Demora pra amadurecer...

AIDA finaliza a ligação e ELISA, ainda sob as câmeras, torna a falar sobre a própria vida.

ELISA
Então, sobre o prédio em si... Pra mim não faz a menor diferença, porque, eu não tenho intenção de ficar no Brasil, sabe? Eu não tenho futuro aqui. Meus pais que tem essa mentalidade pequena né, eles nem sonham em sair daqui, mas pra mim, sinceramente, não dá... Brasil não dá.

MARIA EDUARDA, que andava esquecida no canto da sala, fica cansada dos adultos e pede para TATIANE para ir brincar.

MARIA EDUARDA
Mãe, posso ir pro quarto agora? Quero brincar...

8.

TATIANE
Pode, filha, vai, faz o que você quiser.

TATIANE cobra CLEIDE, que passou pelo corredor, sobre as tarefas da casa.

TATIANE
Você já bateu a vitamina do Nicolau?
Ele tem natação hoje.

5 S01C05 - SALA DO AP. DA TATIANE - INT/DIA

AIDA e TATIANE continuam na sala, postas lado a lado para continuar depondo sobre o prédio. Neste momento, elas estão sozinhas na sala.

TATIANE
Eu acho um desrespeito... Com quem trabalha, sabe? Com quem paga imposto, paga condomínio...

AIDA, enquanto ouve a amiga, concorda, balançando a cabeça.

AIDA
Ah, mas isso é mesmo. No Brasil quase não compensa trabalhar, né? Já que o governo dá tudo mesmo.

TATIANE
E dá com o dinheiro do nosso bolso!
Sem falar nos milhões que vão pro bolso deles. O nosso país é só corrupção!

AIDA
Também, né, depois do estrago que essa corja do PT fez no poder...

AIDA é censurada pela diretora da equipe de gravação.

DIRETORA (VOZ OFF)
Vou ter que te interromper, só um momento, a gente não pode citar nome e nem partido político na gravação.

AIDA olha para os lados, desorientada. As duas ficam chocadas com a censura da equipe.

AIDA
Ah! Começou, né? Não bastasse a gente

9.

ter que aturar esse governo, toda essa corrupção... Agora não pode falar sobre!

TATIANE
Hoje em dia é assim... Quem tá errado é quem denuncia! Mas agora, ô! O povo abriu os olhos...

TATIANE é interrompida pelo interfone que toca. CLEIDE atende e conversa com LUIGI, morador do décimo terceiro andar do prédio.

CLEIDE
Alô. Tá, sim. Ela tá, sim. Já tô passando, já.

CLEIDE tira o interfone da orelha e se vira para a patroa.

CLEIDE
Ô Dona Tatiane, Luigi, lá da Dona Francesca quer falar com a senhora.

TATIANE, já impaciente, vai atender o interfone. Ao retornar, revira os olhos e conta para AIDA sobre a ligação.

TATIANE
Luigi! Acredita?

AIDA
Ai! O que foi dessa vez?

TATIANE
Falou que a Dona Francesca foi viajar pra Itália... Diz que só volta daqui um mês.

AIDA
Ah, deve ter ido resolver aquele pepino...

TATIANE
Da cidadania, é! Ai vai ficar um tempo lá. E ele diz que a Deise aproveitou pra pegar férias enquanto a Dona Francesca tá viajando.

AIDA
Ah, agora, minha filha... Com esse negócio de Lei de Doméstica aí, a gente é obrigado a ficar pegando

10.

regalia, segundo esse monte de
reginha... Ai dá nisso, né? Quando
precisa, não tem ninguém.

TATIANE concorda, balançando a cabeça, indignada.

TATIANE

'Cê imagina? E me liga esse menino
falando que não tem ninguém pra
cozinhar pra ele, porque não tem a
Deise, a Giullia saiu... Diz que nem
roupa limpa ele tem.

AIDA

Ai, mas hoje em dia... Vou te contar,
viiu...

AIDA quase desdenha dos problemas de Inúgi. As duas fazem uma
pausa para tomar o café e aparentam estar indignadas com a
petulância do menino por ter reclamado das tarefas
domésticas.

AIDA

Onde já se viu deixar o menino sem
nada, assim?

TATIANE balança a cabeça, também desaprovando a atitude da
Dona Francisca. Ela se lembra que a vista da velha é ainda
melhor do que a delas e também será prejudicada pela
construção do prédio novo.

TATIANE

Ai, falando nisso, tinha que gravar
esse documentário lá em cima, né? Na
sacada da Dona Francisca....

AIDA

É verdade, ma-ra-vi-lho-sa! Precisa
ver!

TATIANE

Sabe o que você faz? Por que vocês não
voltam daqui trinta dias? Ai já vai
ter diminuído esse barulho infernal aí
e vocês conseguem gravar lá do
apartamento dela, que é mais alto...

MARIANA, no canto da sala, pondera sobre a proposta.

11.

6 S02C01 - TÉRREO/PORTARIA - EXT/INT/DIA

A equipe de MARIANA está gravando alguns inserts do
condomínio, mostrando o alto padrão de vida dos moradores.
Vemos algumas imagens dos prédio ao redor, do ambiente da
portaria, salão de festas, piscina etc. Também do porteiro em
seu ambiente de trabalho. Durante as gravações, MARIANA
decide entrevistar também alguns funcionários, como o
porteiro e o personal trainer do prédio.

PORTEIRO

Ah, eu acho que vai ser bom, né? A
vizinhança é boa... O bairro é bom...
Fica perto de tudo. Tem polícia
passando bastante durante o dia, se de
repente acontece alguma coisa, né? Ai
fica mais fácil. A gente se sente mais
seguro.

7 S02C02 - TÉRREO/PORTARIA/ACADEMIA - INT/EXT/DIA

MAURÍCIO, o personal trainer contratado pelo condomínio,
também é abordado pela equipe e concede entrevista a MARIANA.

MAURÍCIO

Eu sou o Maurício, tenho 29 anos, sou
personal trainer aqui do prédio.

Enquanto MAURÍCIO fala, acompanhamos imagens dele no seu dia
a dia de trabalho, na vida pessoal, na piscina, tirando
selfie, tomando cerveja long neck etc.

MAURÍCIO

Meu, acho que vai ser muito bom, acaba
tendo mais demanda pelo meu trabalho,
né, mais clientes que buscam uma vida
saúdavel, mais mulher também, querendo
aulas particulares... Entendeu?

MAURÍCIO ri sozinho e olha sugestivamente para MARIANA.

8 S03C01 - SALA DO AP. DA NONA - INT/DIA

DONA FRANCISCA está em sua sacada, apreciando a vista e
contando sobre a longa viagem de 30 dias que fizera na
Europa.

DONA FRANCISCA

Tudo lindo! Que delícia! Olha... muito
diferente daqui, viu? Muito! Pro
Brasil virar uma Itália ainda vai

12.

demorar muito... Muita coisa tem que ser mudada. Ai... toda vez que eu vou fico com essa saudade...

Enquanto DONA FRANCESCA é entrevistada, os netos, Luigi e Giulia, estão sentados no sofá, entretidos com celular e videogame.

DONA FRANCESCA

Eles moram aqui, né, comigo. O Lorenzo, meu filho, e a minha nora, tão nos Estados Unidos. Mas assim que eles terminarem a faculdade já vão pra lá também. Que aqui não tem muito o que fazer, né. Os dois também são muito maduros, daqui a pouco já tem idade pra se virarem sozinhos.

LUIGI e GIULIA começam a discutir sobre o carregador do iPhone, o qual GIULIA estava usando.

GIULIA

Me empresta, só!

LUIGI

Nem vem Giulia, toda vez eu empresto ele e você some com ele, fica o dia inteiro no celular, vicia a bateria, agora eu que vou usar!

GIULIA

Mas você tá jogando! Você nem tá usando o celular, Luigi! A culpa não é minha se o meu iPhone gasta mais bateria! Meu Deus, eu vou te devolver depois!

LUIGI

Se vira, mano, se vira, acha o seu...

LUIGI vai para o quarto, bravo. GIULIA se acomoda novamente no sofá, emburrada.

9 S03C02 - QUARTO DO LUIGI - INT/DIA

LUIGI está em seu quarto, se apresentando para a equipe e mostrando suas coisas. Ao fundo, escutamos um rap.

LUIGI

Meu nome é Luigi, eu tenho 19 anos... No momento tô fazendo cursinho, mas

13.

quero fazer Design.

O quarto de Luigi é bagunçado e tem vários posters de artistas de rap com frases progressistas. Também vemos vários desenhos autorais pendurados nas paredes e soltos nos móveis. Vemos imagens de Luigi no videogame, mais cedo e tentando cozinhar na frigideira seca um frango congelado.

LUIGI

Meu, o rap pra mim é expressão, tá ligado? Eu acho que é o maior legado da resistência no Brasil... Fogo nos racistas!

10 S03C03 - SALA DO AP. DA NONA - INT/DIA

Na sacada, GIULIA está com a sua avó e decide participar da entrevista sobre o prédio.

GIULIA

Ah então, a construção trouxe um pessoalzinho bem estranho aqui perto. Esses dias eu quase fui assaltada por um neguinho! Ai fui pedir ajuda pro Seu Cláudio que é síndico aqui do prédio e ele ficou dando sermão em mim. Falou que não podia ficar chamando de neguinho.

DONA FRANCESCA balança a cabeça, expressando reprovação. LUIGI, no sofá, dá bronca na irmã.

LUIGI

Mas você julgou o cara sem conhecer, só por causa da roupa, do jeito que ele tava.

GIULIA expõe o racismo velado do irmão.

GIULIA

Ah nem vem, Luigi, você que falou pra gente trocar de calçada!

LUIGI fica constrangido e tenta disfarçar com outro assunto.

11 S03C04 - SALA DO AP. DA NONA - INT/DIA

FELIPE, namorado de GIULIA, toca a campainha do apartamento. GIULIA atende a porta.

14.

FELIPE
Oi amor, tudo bem?
GIULIA
Demorou, hein?
FELIPE
Ah, tava resolvendo umas coisas lá na empresa.
FELIPE olha em torno da sala e nota a equipe de gravação.
GIULIA o apresenta para as pessoas pede para que ele contribua com o debate.
GIULIA
Gente, esse aqui é o Felipe, meu namorado...
GIULIA se direciona a ele.
GIULIA (CONT'D)
A gente tava aqui falando um pouco pro pessoal que tá gravando sobre aquele negócio do Seu Cláudio lá, que aconteceu esses dias.
FELIPE
Que negócio?
GIULIA
Aquele dia que ele falou que eu tava sendo racista...
FELIPE arregala os olhos e balança a cabeça afirmativamente.
FELIPE
Ah... Realmente, é um tema muito importante e muito pouco discutido no Brasil, né? Eu mesmo já fui vítima de racismo inúmeras vezes.
A equipe de gravação, então, decide incluir FELIPE como entrevistado e o posiciona para depor.
FELIPE
Eu sou o Dr. Felipe, eu tenho 27 anos, sou advogado da Horizon e também sou business coach
LUIGI está contendo a risada, no canto da sala, e aparece em depoimento, fazendo piada com o a empresa de FELIPE.

15.

LUIGI
(rindo)
Ah, o Felipe não dá! Ele só fala dessa empresa dele, a Horizon, rolazoni!
LUIGI ri da própria piada e logo se contém, novamente.
LUIGI (CONT'D)
O Felipe é boy... É boy...
FELIPE, ainda em depoimento para a equipe, opina sobre o racismo.
FELIPE
Na escola, eu passei por muito racismo. Eu era chamado das piores coisas que você pode imaginar, era palmito, pernalate, corretivo... A diferença é que eu soube superar, entendeu? Porque eu nunca diferenciei ninguém pela cor da pele, então o racismo, cara, tá na cabeça de quem vê, entendeu? Tudo tem a ver com o seu mindset. Se você tá treinado pra enxergar racismo, é só isso que você vai ver em tudo. Isso faz sentido pra você? Me avisa se eu tiver indo muito rápido, é que esses assuntos que eu domino mais, às vezes não é todo mundo que acompanha. Então, voltando, eu mudei minha perspectiva e hoje eu não sofro mais com esse tipo de coisa, não ligo que me chamem de branco. Assim como eu mudei, os outros podem mudar. Se eu consigo não ligar pras pessoas, entre aspas, me ofendendo, porque você tem que ligar pras pessoas te chamando de preto? De neguinho?
DONA FRANCISCA interrompe a fala de FELIPE e vemos todos os presentes na sala participando da discussão.
DONA FRANCISCA
No Brasil não tem nem escravidão mais, não tem porque ficar falando de racismo. Isso aí é desculpinha de quem não quer trabalhar, não quer estudar...
LUIGI
Vô, tá sendo gravado isso, a senhora

16.

pode ser presa...

GIULLIA

Ah, mas essas leis vão mudar, o nosso presidente tá aí pra acabar com esse vitimismo.

12 S04C01 - SALA DO AP. DA AIDA - INT/DIA

12

A família está reunida na sala para participar da gravação do documentário. Primeiramente, o casal AIDA e CARLOS está em foco. CARLOS insiste na piada sobre mulheres dirigindo, direcionando-se à equipe.

CARLOS

(rindo)

Hein? 'Cês tomem cuidado com isso aí, hein, que a Aida falou que tinha duas meninas dirigindo um filme aqui... Já avisei pra ela do perigo de deixar mulher dirigir, hein?

CARLOS ri sozinho e AIDA fica sem graça, balançando a cabeça. CARLOS se apresenta para a equipe.

CARLOS

Eu sou o Carlos, sou professor de Cálculo da Anhembi, pai do José Carlos e do Antônio Carlos. E na terceira, dei uma fraquejada e veio a Elisa.

ELISA desvia o olhar da câmera, desconcertada.

CARLOS (CONT'D)

Eu não, né, isso aí é coisa da Aida... Porque... do meu primeiro casamento só veio homem.

13 S04C02 - TÊRREO - EXT/DIA

13

Em depoimento, MAURÍCIO, o personal trainer, conta a sua opinião sobre o machismo.

MAURÍCIO

Acho que não tem nada a ver esse negócio de ficar procurando preconceito, tá ligado? Meu, essa geração do minimi hoje fica procurando motivo pra se sentir ofendida... Tipo assim, você não é livre mais nem pra fazer piada, cara... E a liberdade de

17.

expressão?

Uma membra da produção vai arrumar a lapela do MAURÍCIO porque o som estava com problemas e ele aproveitou para dar palpite.

MAURÍCIO

Ih, deu problema, é? Tem que prestar atenção mesmo. Teve uma outra vez que um pessoal gravou entrevista comigo e a mina tinha colocado o negócio errado.

MAURÍCIO pega a lapela da mão da moça e ajusta nele mesmo.

MAURÍCIO (CONT'D)

Aí o diretor, lógico, foi lá, corrigiu a mina e tal. Alô, porque vocês não fazem uma filmagem tipo com por do sol assim, tipo pegando bem o sol no fundo? Ia ficar daora, meu... Tipo, é um enquadramento mais bonito, sabe?

MAURÍCIO pega o boom da mão da moça e tenta explicar como funciona.

MAURÍCIO (CONT'D)

Mas enfim... A moça depois saiu falando que o diretor era machista, já pensou? O cara só corrigiu o negócio, entendeu? Não é questão de ser machista, eu mesmo não sou machista e nem feminista, eu sou humanista... Se o machismo não é bom, por que o feminismo seria?

14 S04C03 - SALA DO AP. DA AIDA - INT/DIA

14

CARLOS, dando sequência ao seu depoimento, fala sua opinião sobre o prédio que está sendo construído.

CARLOS

Ah, isso aí é baderna, né? Só serve pra isso esse prédio aí, pra fazer bagunça onde não deve. E eu tenho certeza que todo mundo concorda comigo!

AIDA, em depoimento, concorda com o marido.

18.

AIDA
Ah! Muito bom falar disso mesmo...
Porque hoje em dia a gente sofre a
ditadura do politicamente correto, né?
Tudo é racismo... Olhou torto, é
racismo... Atravessou a rua, é
racismo... Chamou de neguinho, é
racismo... Chamou de bandido, é
racismo...
Enquanto AIDA testemunha, sua empregada a serve com café,
constrangida. ELISA, que também está na sala, participa das
entrevistas com a família. Ela é incentivada a comentar a
fala da mãe, que acabou de discursar sobre o racismo.

ELISA
Ah tipo, eu acho que até existe
racismo às vezes, mas eu não acho que
tá em todo lugar ou que é desculpa pra
qualquer coisa, sabe? Mas tipo, por
exemplo, eu, particularmente, acho que
cota é racismo, porque é inferiorizar
a capacidade intelectual deles. Não
tenho nada contra negros, tenho até
amigos que são, frequentam minha casa
e tudo...

CARLOS dá continuidade ao assunto do prédio e introduz a sua
análise da conjuntura social Brasileira.

CARLOS
Esse prédio que tá pra vir aí, na
verdade, é o reflexo do Brasil. Um
assistencialismo desenfreado, essa
política do pão e circo aí para
encobrir a corrupção desses
vagabundos. Isso aí, por exemplo, não
acontecia na ditadura militar.

CARLOS se mostra sensível ao assunto da ditadura, mas não
desiste de depor a respeito.

CARLOS (CONT'D)
Meu pai era militar e eu também vivi a
ditadura... E ele já falou pra mim que
tudo que falam hoje da ditadura no
Brasil é mentira. Não tinha essa de
ficar prendendo, matando, torturando
ninguém, não. Meu pai não foi preso,
eu não fui preso. Só prendeu bandido.

19.

15 S05C01 - SALA DO AP. DA NONA - INT/DIA 15
FELIPE, o lado da namorada, dá continuidade à pauta do
vitimismo, levantada anteriormente por GIULIA.

FELIPE
E não é só com os negros que existe
vitimismo, né? As pessoas homossexuais
também se aproveitam pra tirar
vantagem dessa proteção toda com
"minorias". Igual aconteceu lá na
empresa, no mês passado.

FELIPE, em depoimento, compartilha sua história.

FELIPE
Eu trabalho com esse cara, o Cléber...
Sempre achei ele um gay muito contido
e acho que tá certo, pra trabalhar na
empresa eu nunca chamaria ninguém,
tipo assim, escandaloso, né? Tem que
se preocupar com a nossa imagem... Mas
aí, um dia, ele veio passando telefone
pra mim, querendo sair comigo!

16 S05C02 - SALA DA EMPRESA HORIZON - INT/DIA 16
Vemos imagens da câmera de segurança da empresa mostrando uma
situação de trabalho comum: CLÉBER passando o seu cartão para
FELIPE.

17 S05C03 - SALA DO AP. DA NONA - INT/DIA 17
FELIPE
Ele deve achar que eu não sei o que
que gay tá querendo quando passa
cartãozinho...

18 S05C04 - AMBIENTE DA EMPRESA HORIZON - INT/DIA 18
A equipe correu atrás de CLÉBER para retratar a sua
perspectiva a respeito do episódio relatado por FELIPE.

CLÉBER
Nossa, péssimo... Um moleque mimado,
metido, acha que tá abafando o tempo
todo, né? Ninguém merece. Esse menino
a vida inteira teve tudo o que queria
e aí quando ele se depara com UMA
situação de rejeição, não sabe lidar.
Ridículo, ri-di-cu-lo, só passa

20.

vergonha...

DIRETORA (VOZ OFF)
Entendi... Conta pra gente daquela situação que aconteceu de você passar um cartaozinho pra ele, ele acabou entendendo que você tinha, talvez, segundas intenções...

CLEBER muda de expressão repetidamente e se mostra surpreso e revoltado.

CLEBER
ELE DISSE O QUE???

19 S05C05 - AP. DA NONA - INT/DIA

FELIPE

Mas eu sou esperto, não dei brecha pra ele, não. Aí o RH veio me falar que eu sou homofóbico. Euf? Homofóbico? Depois de tudo o que já passei, cara... Toda a humilhação... Pois eu acho totalmente o contrário, já passei por muito preconceito, como já falei. Não que seja heterofobia, mas é muito difícil estar em um ambiente onde todo mundo odeia hétero, sabe?

Enquanto fala, acompanhamos imagens do FELIPE no escritório, indo trabalhar, momentos com a GIULIA, ele olhando para o por do sol na sacada da Dona Francisca...

20 S05C06 - TÊRREO - INT/DIA

MAURÍCIO, o personal trainer, no térreo, complementa a fala de FELIPE, contribuindo com o seu relato sobre feministas.

MAURÍCIO

É foda, cara... Não nem pra contar nos dedos o tanto de vezes que eu fui chamado de macho escroto por essas feministas radicais, só porque eu tenho o corpo sarado ou às vezes faço uma brincadeirazinha ou outra, sabe? Tipo, meu ponto de vista ninguém quer saber, né? Sei lá... Pra mim isso aí é... Falta de sexo.

MAURÍCIO dá um gole na garrafa de água da academia e encerra sua fala.

21.

21 S05C07 - AP. DA NONA - INT/DIA

Enquanto GIULIA lava os copos na pia, LUIGI vai colocando cada vez mais uma louça para ela lavar. GIULIA fala que dispensa o feminismo.

GIULIA

Ah, tipo, eu não sou feminista porque nunca precisei do feminismo pra nada, sabe?

GIULIA está catando roupa suja do LUIGI do chão e botando no cesto de roupa.

GIULIA (CONT'D)

Porque tipo, tudo que eu precisava eu sempre consegui ou dava um jeito de conseguir.

GIULIA está sentada na sala, em depoimento.

GIULIA (CONT'D)

Tipo, eu tenho uma personalidade muito forte, sabe? Tipo, o meu gênio é muito difícil... Então tudo que eu quero, eu consigo, quando eu ponho uma coisa na minha cabeça, não tem quem tire... Tem gente que fala até que eu sou grossa, mas eu não sou grossa, eu sou sincera... Pra mim, feminista é tudo puta e tem mais é que se dar o respeito.

Enquanto ela fala, acompanhamos momentos dela sozinha, se arrumando, tirando selfies, mexendo no instagram etc.

GIULIA (CONT'D)

Inclusive, eu também já fui muito discriminada, tipo, as pessoas me julgam sem me conhecer porque eu sou bonita e hétero. Aliás, eu recebi no grupo do WhatsApp que agora vai ter cota de 50% em universidade pública pra homossexuais. É um deputado daquele partido lá que tá organizando.

GIULIA olha para a câmera sugestivamente, sabendo que não pode falar o nome do partido.

22.

22 S05C08 - VÁRIOS LOCAIS - INT/DIA

Vamos cada um dos entrevistados concordando, em depoimento, que também receberam a notícia da GIULLIA, então, provavelmente, era verdade.

DONA FRANCESCA
É verdade! Tava no zap.

AIDA
(Indignada)
Recebi.

CARLOS
Claro que eu fiquei sabendo. Agora né, com essa ditadura gay que aquele governo impôs, não tô nem surpreso, se você quer saber.

TATIANE
É por isso que eles tem esse plano de erotização das nossas crianças desde cedo, por meio dessa ideologia de gênero. Tá no plano deles. Pra transformar o Brasil num país gay.

MAURÍCIO
Hoje em dia, quem não é gay sofre preconceito mesmo. Não é fácil viver no Brasil como era antigamente.

TATIANE
Eu aproveitei e mandei no grupo do condomínio, né, porque eu sou administradora e aproveito pra divulgar coisas importantes. Não deixo nenhuma dessas "fake news" passar lá. Porque se dependesse do seu Cláudio, já viu, né? Ia ficar censurando, falando pra olhar a fonte da informação, achando que engana alguém.

TATIANE debocha do síndico do prédio com uma risada irônica.

TATIANE (CONT'D)
Hã! Mas agora isso aí não cola mais com a gente não. O povo abriu o olho!

23 S05C09 - AP. DA NONA - INT/DIA

FELIPE está junto com GIULLIA, observando a vista da sacada.

23.

22

FELIPE, decepcionado com a construção do novo prédio, dá a sua opinião sobre a vista.

FELIPE
Ah, infelizmente não há muito o que a gente possa fazer, né? Eu acredito que esse prédio é resultado de um mau planejamento... É o que eu falo: lá na empresa, direto, a gente lida com situações que fogem do nosso controle, mas por meio do counseling, do mentoring, acabam se tornando coisas que a gente consegue contornar, por ter um approach diferenciado, entende? Agora, isso aí... Acaba não estando nas nossas mãos.

DIRETORA (VOZ OFF)
Você mora aqui também?

FELIPE se espanta com a pergunta, mas logo debocha da diretora.

FELIPE
(rindo)
Eu? Não, não...

24 S05C10 - SALA DO AP. DA TATIANE - INT/DIA

A equipe está no apartamento de TATIANE, esperando ela chegar com o filho, NICOLAS. MARIANA liga para TATIANE e pergunta onde ela está.

MARIANA
Alô? Tia? Onde você tá? A gente tá aqui no apartamento, esperando. A Cleide abriu pra gente...

TATIANE (PELO TELEFONE)
Ai, Mari, tô enrolada aqui no trânsito. Eu vim buscar o Nicolas na casa de um amiguinho dele e não vou conseguir chegar pra gravar com vocês, não. Não dá pra vocês voltarem outro dia?

MARIANA revira os olhos e CLEIDE a observa, de longe.

MARIANA
Tã, tia, pode ser. Depois a gente se fala, tá? Tchau.

24

24.

MARIANA desliga o celular e CLEIDE tenta acolher a equipe.

CLEIDE
Ela num vem, né? Paciência com a dona
Tatiâne...

CLEIDE dá um sorriso contido e continua fazendo seu trabalho.

CLEIDE (CONT'D)
Tem mais alguma coisa que eu possa
fazer por vocês?

A equipe, então, decide entrevistar CLEIDE. A entrevistista foi feita no hall do prédio.

CLEIDE
O que eu acho? Acho que não tem
problema não. Não vai mudar nada na
vida aqui do pessoal... O prédio novo.
A Dona Tatiâne tá preocupada com a
vista, né? Mas ela mora muito bem...
Imagina, esse prédio, caro que é. Acho
que ela tem pouco problema pra se
preocupar.

CLEIDE fica em silêncio por alguns instantes, olhando para a câmera.

25 S06C01 - SALA DO AP. DA TATIANE - INT/DIA

25

Na semana seguinte, a equipe retorna ao prédio para fazer a gravação com NÍCOLAS, o filho mais velho da TATIANE. Ela está na sala, assistindo a um vídeo de um famoso YouTuber e fica indignada com as coisas que ele denuncia. TATIANE conta um pouco para a equipe sobre suas influências.

TATIANE
Então, é o que sobrou pra gente né?
Acreditar em gente honesta que espalha
a verdade na internet. Porque na mídia
esquerdista da televisão não dá mais
pra acreditar. Se tem uma coisa que eu
não sou é alienada. O povo abriu o
olho! E o Nicolas também... desde
muito cedo sempre foi muito
inteligente. Ele sabe quando tem gente
tentando manipular ele e não deixa
acontecer. Muito esperto, sempre foi.
Sabe filtrar informação.

TATIANE chama o filho NÍCOLAS, finalmente, para participar da

25.

gravação.

TATIANE
Nicolas! Vem aqui, filho.

Um menino de 16 anos abre a porta do quarto, emburrado, e se joga no sofá, ao lado da mãe.

TATIANE
Fala, filho, pra eles. Do prédio... De
tudo o que você fala pra mãe.

NÍCOLAS, agora em depoimento, conta para a equipe sua opinião.

NÍCOLAS
Eu sou o Nicolas, tenho 16 anos e tô
no segundo ano do ensino médio. Cara,
a escola hoje em dia tá contaminada,
tá ligado? É só doutrinação
esquerdista em todo lugar,
professorzinho merreca que não sabe de
nada, comunistinha...

Enquanto NÍCOLAS depõe, TATIANE está assistindo a um vídeo do YouTuber, ídolo de NÍCOLAS, ao fundo da entrevista. O YouTuber fala junto com NÍCOLAS todas as suas palavras.

NÍCOLAS
Essas porra de Gramsci, Paulo Freire,
Marx, tudo vagabundo comunista que a
nossa sociedade fica endeusando por
causa da doutrinação nas escolas.
Culpa do Marxismo cultural...

NÍCOLAS é interrompido por TATIANE, que informa que recebeu uma mensagem no grupo do condomínio sobre um invasor no prédio.

TATIANE
Gente, pelo amor de Deus! Tem um
invasor no prédio! A Aida falou que tá
todo mundo tumultuado na portaria!

NÍCOLAS
Como assim?

TATIANE
Não sei, né, Nicolas, vou lá ver!

TATIANE e NÍCOLAS se levantam repentinamente para ir na

portaria e descobrir o que está acontecendo.

26 S06C02 - PORTARIA DO PRÉDIO - EXT/DIA

26

TATIANE e NÍCOLAS, ao chegarem na portaria, se deparam com um pequeno tumulto de alguns moradores do prédio. Ouve-se um burburinho enquanto LUIZ AUGUSTO, morador do prédio e policial militar, traz um jovem negro com as mãos atadas nas costas. Ele rende também o porteiro, que é negro e chama reforços.

LUIZ AUGUSTO

(ameaçador)

Pode começar a falar o que é que tava fazendo no condomínio! Foi esse cara que deixou você entrar, foi?

LUIZ AUGUSTO aponta para o porteiro. Um rapaz, vindo do elevador, chega ao local do tumulto e reconhece o amigo, rendido.

RAPAZ

O que tá acontecendo aqui?

LUIZ AUGUSTO

Esse moço aqui tentou invadir nosso prédio!

LUIZ AUGUSTO ainda segura o rapaz negro pelos braços.

RAPAZ

Ele não veio invadir nada não, ele é meu amigo! É o Mathews! O porteiro me interferiu pra avisar que ele tava subindo!

As pessoas que assistiam a situação ficam confusas e param de cochichar. O rapaz rendido pelo policial, continua quieto, humilhado. O porteiro se retrata.

PORTEIRO

Eu falei pra ele! Falei pra subir no 27, bloco A. Não tô entendendo nada que tá acontecendo aqui, moço!

LUIZ AUGUSTO

Então ele tava fazendo o que no bloco B? A senhora que mora no 27 veio correndo atrás de mim, falando que tinha ladrão no prédio!

27.

O porteiro e MATEUS se entreolham rápida e intensamente. O silêncio toma conta da portaria e LUIZ AUGUSTO solta os braços de MATEUS.

LUIZ AUGUSTO

(autoritário)

Da próxima vez você tem que tomar cuidado, viu?

LUIZ AUGUSTO deixa o local, encarando a todos e com passos firmes. A multidão, envergonhada, se dispersa. LUIZ AUGUSTO, ainda com raiva, põe a mão na lente que o gravava e a câmera desliga.

27

27

Vemos os dois prédios finalmente lado a lado, o segundo, já tendo finalizado a sua construção. O PORTEIRO anda alguns passos do prédio de onde agora mora para ir para o prédio onde trabalha. Ele acaba sorrindo para a câmera durante o trajeto. A equipe grava uma série de depoimentos com os moradores e funcionários depois da finalização da obra.

PORTEIRO

Ah, muito melhor. Muito melhor. Agora eu não gasto mais duas horas de ônibus pra vir trabalhar. A vida melhorou, né? Tenho mais tempo pra ficar em casa, pra descansar... Agora é só andar um pouquinho

JULIANA

Ai, pra mim compensou muito. Porque o bairro é bom, né, a vizinhança é boa, tem tudo perto. E agora que eu não demoro tanto pra chegar, tenho tempo de atender mais gente aqui no prédio, a Tati já me indicou pra várias amigas!

LUIGI

Meu, muito da hora, conhecer uma galera diferente e pá. Já tenho uns amigos aí da quebrada pra dar um rolê.

DONA FRANCESCA

Pra mim, tanto faz, tanto fez. Desde que não tenha baderna, sem bagunça. Aquela menina lá de baixo, a Tatiane, fez aquele escândalo todo, fez o pessoal, vocês, subirem aqui pra

gravar e ô! O prédio nem chegou na altura da minha sacada. Hoje em dia é tudo um drama. Por isso que não dá vontade de ficar aqui...

LUIZ AUGUSTO

Achei bom, melhorou pro pessoal que mora, né. Qualidade... de vida e tal.

LUIZ AUGUSTO olha para um membro da equipe de gravação e deixa escapar:

LUIZ AUGUSTO (CONT'D)

Tá bom assim?

TATIANE

Ah, tô achando tudo bem, o pessoal é bem tranquilo, tá tudo muito... Assim, respeitoso, né? Uma galera até que legal...

TATIANE olha profundamente para sua sacada, agora escura, encoberta pela sombra do prédio construído. Ela suspira.

TATIANE

Ah, mas aquela minha vista...